

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO POR MEIO DO EXEMPLO NA I CARTA DE
CLEMENTE ROMANO: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL AOS
CRISTÃOS DE CORINTO**

AMANDA SILVA RODRIGUES

**MARINGÁ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO POR MEIO DO EXEMPLO NA I CARTA DE
CLEMENTE ROMANO: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL AOS
CRISTÃOS DE CORINTO**

AMANDA SILVA RODRIGUES

**MARINGÁ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO POR MEIO DO EXEMPLO NA I CARTA DE
CLEMENTE ROMANO: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL AOS
CRISTÃOS DE CORINTO**

Dissertação apresentada por AMANDA SILVA RODRIGUES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientador:

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO

Coorientadora:

Prof^a. Dra.: ROSELI GALL DO AMARAL DA SILVA

MARINGÁ
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R696f	<p>Rodrigues, Amanda Silva</p> <p>A formação por meio do exemplo na I carta de Clemente Romano : uma proposta educacional aos cristãos de Corinto / Amanda Silva Rodrigues. -- Maringá, PR, 2021. 81 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Coorientadora: Profa. Dra. Roseli Gall do Amaral Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Pedagogia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.</p> <p>1. Educação cristã. 2. Cristianismo primitivo. 3. Romano, Clemente - Papa Clemente I. 4. Formação - Exemplo. 5. Carta aos Coríntios. I. Melo, José Joaquim Pereira, orient. II. Silva, Roseli Gall do Amaral, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de</p> <p>CDD 23.ed. 371.0712</p>
-------	---

AMANDA SILVA RODRIGUES

**A FORMAÇÃO POR MEIO DO EXEMPLO EM I CARTA DE
CLEMENTE ROMANO: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL AOS
CRISTÃOS DE CORINTO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) – UEM

Prof^a. Dra. Roseli Gall do Amaral da Silva (Coorientadora) –
UTFPR/Apucarana

Prof. Dr. João Paulo Pereira Coelho – Egresso PPE/UEM -
UEMS

Prof^a. Dra. Rosana Vasconcelos Vito - UNIPAR/Umuarama

Maringá
20 de outubro de 2021

Dedico esse trabalho ao meu irmão Hugo Silva Rodrigues. Estudar é a *nossa* única opção.

Dedico esse trabalho ao professor Neto que, por seus estudos publicados, inspirou a escolha da UEM como “minha” universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por estar ao meu lado nas trincheiras das batalhas que escolhi travar. Mãe, pai, irmão, obrigada por acreditarem em mim.

Ao meu companheiro, agradeço por trazer luz durante a escuridão acadêmica que nos assola em momentos de cansaço durante as produções científicas. Agradeço o incentivo, a confiança e parceria.

Agradeço ao professor Dr. José Joaquim Pereira Melo pela orientação e também por manter meus pés no chão durante os devaneios da jornada acadêmica até aqui. Obrigada por acreditar no tema deste trabalho e por escolher enfrentar, comigo, os meus obstáculos da pós-graduação. Espero revê-lo em posteriores oportunidades de pesquisa.

Agradeço a professora Dra. Roseli Gall do Amaral da Silva pelo empenho e auxílio na redação desta dissertação e pelas palavras de incentivo durante as noites de produção. Espero revê-la em posteriores oportunidades de pesquisa.

Aos membros da banca, a professora Dra. Rosana Vasconcelos Vito e professor Dr. João Paulo Pereira Coelho, sou grata por aceitarem o convite e por todas as contribuições.

Professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), agradeço pelas aulas ministradas no objetivo de tecer mestres críticos em tempos tão sombrios para a educação. Aproveito, ainda, para prestar meus sinceros agradecimentos aos docentes da minha graduação em Pedagogia.

Sou grata aos professores e professoras de todo o meu ciclo escolar, em especial, a professora Roberta Negrão de Araújo, a professora Izabel Cristina Marson e a

professora Maria Aparecida Gatti Peres Bondarik. Vocês acreditaram em mim, eu reconheço e agradeço a dedicação.

Agradeço ao professor Luiz Antonio de Oliveira por uma breve, porém, extremamente auxiliadora conversa em datas longínquas.

Membros do grupo *Transformações Sociais e Pensamento Educacional*, obrigada pela dedicada participação no processo de estudos e incentivo mútuo.

Márcia Elieder Bolonhez Meneguetti, sou grata pela sua parceria de estudo e incondicional apoio.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM) por possibilitar a realização desse estudo. Aproveito para agradecer, especialmente, ao Hugo Alex da Silva pela atenção e por todo o significativo trabalho que realiza.

Aos amigos e amigas, de militância ou não, agradeço por compreenderem minhas ausências.

Múltiplos agradecimentos e, com especial atenção, para minha avó Margarida (*in memorian*), por enxergar em mim, ainda criança, a pesquisadora que sou hoje.

Por fim, agradeço todas as pessoas que contribuíram para a minha formação pessoal ou acadêmica, afinal, tudo o que sou hoje é uma síntese de diversas determinações.

“Como vedes, irmãos, quanto maior é o conhecimento de que fomos julgados dignos, maior é o perigo ao qual ficamos expostos”.
(Clemente Romano, 1995, p. 36)

SILVA RODRIGUES, Amanda. **A formação por meio do exemplo na I Carta de Clemente Romano**: uma proposta educacional aos cristãos de corinto. 79fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo. Coorientadora: Prof^a. Dr^a Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2021.

RESUMO

Esse estudo tem como tema a formação pelo exemplo na *I Carta aos Coríntios*, redigida por Clemente Romano e tem por preocupação *a resposta formativa oferecida por Clemente Romano para os problemas enfrentados pela comunidade de Corinto no que dizem respeito, especialmente, aos desvios de comportamento e práticas cristãs*. O objetivo principal desta pesquisa, é analisar a formação pelo exemplo proposta por Clemente Romano, na elaboração de uma sugestão formativa para o indivíduo cristão de Corinto. A justificativa desse estudo tem como viés a contribuição para posteriores investigações e progressão nesta pesquisa. A redação deste estudo tem como metodologia a apresentação das análises obtidas durante a pesquisa sobre o documento clementino. O documento em questão, a *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios, será considerada fonte primária de discussão, sob a perspectiva dos seguintes autores: Daniel Ruiz Bueno (2002), Juan José Ayán Calvo (1994), Philipp Vielhauer (2005), Johannes Quasten (1991), José Joaquim Pereira Melo (2012; 2019), dentre outros. Nossas investigações acerca do processo formativo discutem a respeito da formação pelos exemplos positivos e negativos presentes na carta. A fim de alcançar os objetivos propostos, realizamos uma análise do documento clementino sob a perspectiva da formação pelo exemplo buscando elencar a forma como esta formação foi exposta e quais exemplos foram utilizados para a educação cristã da comunidade de Corinto no primeiro século, além de Jesus Cristo. Por fim, a proposta educativa clementina é um projeto educacional que, para Clemente Romano, seria suficiente para responder os principais conflitos e problemas da comunidade cristã de Corinto.

Palavras-chave: Educação cristã; cristianismo primitivo; Clemente Romano; Formação pelo exemplo.

SILVA RODRIGUES, Amanda. **Formation through example in I Letter by Clement of Rome**: an educational proposal to christians of Corinth. 79fl. Dissertation (Master of Education) – State University of Maringá. Advisor: PhD. José Joaquim Pereira Melo. Co-advisor: PhD. Roseli Gall do Amaral da Silva. Maringá, 2021.

ABSTRACT

This study will have as its central theme the formation through example in the First Letter to the Corinthians written by Clement of Rome and as a concern: *a formative response offered by Clement of Rome to the problems faced by the community of Corinth with regard, especially, to deviant behavior and Christian practices*. The main purpose of this research is to analyze the formation through example proposed by Clement of Rome in the elaboration of a formative suggestion for the Christian individual in Corinth. The justification of this study is biased towards contributing to further investigations and progression in this research. The writing of this study has as methodology the presentation of the analyzes obtained during the research on the Clementine document. The document in question, the First Letter of Clement of Rome to the Corinthians, will be considered as a primary source of discussion, from the perspective of the following authors Daniel Ruiz Bueno (2002), Juan José Ayán Calvo (1994), Philipp Vielhauer (2005), Johannes Quasten (1991), José Joaquim Pereira Melo (2012; 2019), among others. Our investigations about the formative process discuss the formation through positive and negative examples present in the epistle. In order to achieve the proposed objectives, we carried out an analysis of the Clementine literature from the perspective of formation through example, seeking to list how this formation was exposed and which examples were used for Christian education in the community of Corinth in the first century, besides Jesus Christ. Finally, the Clementine educational proposal is an educational project that, for Clement Romano, would be sufficient to respond to the main conflicts and problems of the Christian community in Corinth.

Keywords: Christian education; early Christianity; Clement of Rome; formation through example.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CLEMENTE ROMANO: UM EXORTADOR DE CORINTO	16
2.1. Influências judaicas e helenísticas	23
2.2. Influências petrinas e paulinas	27
3. O CONTEÚDO EXORTATIVO DA I CARTA AOS CORÍNTIOS	31
3.1. A motivação da carta pedagógica	35
3.2. A organização da carta pedagógica	37
3.3. O teor pedagógico da carta	40
4. A PREOCUPAÇÃO FORMATIVA DE CLEMENTE ROMANO: A FORMAÇÃO PELO EXEMPLO	45
4.1. A formação pelo exemplo	48
4.2. A condenação dos exemplos negativos	53
4.3. A exortação de exemplos positivos	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6. REFERÊNCIAS	75

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo está vinculado à linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Maringá.

Para esse estudo, examinou-se a *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios. Destaca-se, brevemente, que Clemente Romano (35-99) é reconhecido na tradição cristã como o terceiro sucessor do Apóstolo Pedro, na Sé Romana. A escrita de Clemente Romano, em sua carta direcionada a comunidade de Corinto, demonstra amplo conhecimento da cultura judaica e da cultura clássica as quais são utilizadas em sua carta.

O texto *a Primeira Carta de Clemente Romano aos Coríntios*, redigida por Clemente Romano, examinada como fonte primária, foi originalmente escrita em grego, em meados do I século. A versão utilizada é a traduzida por Ivo Storniolo Euclides M. Balancin, para editora Paulus, edição de 1995. Para fins de esclarecimento, a fonte será identificada ao longo deste estudo como *I Carta* de Clemente Romano ou *I Carta*.

O problema de pesquisa tem como preocupação *a resposta formativa oferecida por Clemente Romano para os problemas enfrentados pela comunidade de Corinto no que dizem respeito, especialmente, aos desvios de comportamento e práticas cristãs*. A preocupação que aqui se coloca e a investigação realizada, centraram-se na formação por meio dos exemplos exortados por Clemente Romano em sua carta. O objetivo principal desta pesquisa, é analisar a formação pelo exemplo proposta por Clemente Romano na elaboração de uma sugestão formativa para o indivíduo cristão de Corinto.

O cristianismo tem por base a constante pregação em nome do amor, tendo Deus como figura detentora da maior benevolência visto “que não poupou seu próprio Filho” (BÍBLIA, 2015, Romanos, 8,32). Com isso, Clemente Romano exorta aos fiéis o amor incondicional, altruísta, para que, por meio das atitudes terrenas, se aproximem da bondade divina e conquistem a cidadania celeste. Essas

exortações formativas, que pretendiam moldar o indivíduo cristão primitivo, perpetuaram-se ao longo dos séculos.

O bispo Clemente Romano deu continuidade, e avançou, na didática para a formação cristã de crianças, jovens e adultos fiéis, em sequência aos líderes cristãos que o antecederam. Pode-se citar, neste momento, como antecessores mestres da fé, profetas do Antigo Testamento e discípulos como Paulo de Tarso que redigiram ensinamentos cristãos e serão mencionados no decorrer desta pesquisa.

A redação de Clemente Romano, mesmo que dirigida à comunidade de Corinto, toma proporções e se revela para toda a comunidade cristã primitiva. Isso o mantém como referencial pedagógico durante os séculos posteriores.

Os objetivos específicos deste estudo tratam de analisar o processo formativo no cristianismo primitivo. Entre eles, cumpre destacar: compreender parte do processo de elaboração do pensamento educacional a partir da perspectiva de um documento específico, produzido por um ator social, referência para aquele momento histórico. Definir a proposta formativa do cristão apresentada por Clemente Romano, utilizando os exemplos de ações descritas na *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios.

O documento, fonte primária dessa pesquisa em questão, a *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios, foi discutida a partir da perspectiva de alguns autores, a exemplo: Daniel Ruiz Bueno (2002), Juan José Ayán Calvo (1994), Philipp Vielhauer (2005), Johannes Quasten (1991), José Joaquim Pereira Melo (2012, 2019), dentre outros. Esses autores, fontes secundárias desta pesquisa, dispõem suas interpretações de forma a auxiliar nossa compreensão sobre os registros contidos na *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios. Além disso, apresentam, sob uma ótica não religiosa, reflexões que convergem, mas, são apresentadas de diferentes formas e se complementam. Essas referências proporcionam uma estreita teia de informações, que fundamentam esta pesquisa e as pontuações aqui registradas acerca das análises a respeito da *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios.

Nossas investigações, acerca da fonte primária em pauta, reconhecem sua relevância para o processo formativo e discutem a respeito da formação pelos exemplos positivos e negativos presentes na carta.

Durante as pesquisas a respeito do tema *A formação por meio do exemplo em Clemente Romano*, foram utilizadas produções de autores também em língua estrangeira. Eles analisaram a carta clementina e ofereceram princípios importantes para entendê-la. Possibilitaram, igualmente, estudos sobre a influência de Clemente em Roma e, especificamente, sobre a formação pelo exemplo nos primeiros séculos. Além disso, realizou-se leituras, paralelas ao tema, sobre as personagens que transitam no contexto histórico da investigação e acabaram citadas no decorrer da redação.

A dificuldade em encontrar referenciais acadêmicos acerca do tema principal é uma das justificativas deste trabalho de pesquisa. Além dos autores supramencionados, ao pesquisarmos “Clemente Romano”, em plataformas como o *Google Scholar*; *SciELO*; banco de dados de teses e dissertações dos programas de pós graduação em educação de universidades estaduais ou federais (Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Oeste do Paraná, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal do Maranhão, entre outras); encontramos algumas produções que discutem o autor. Entre as produções podemos citar José Joaquim Pereira Melo (2012), Francisco Benedito Leite (2012), Amanda Cristina Martins do Nascimento (2019) e um excerto da tese de Jesús Valdes de la Colina (1987).

Entretanto, a pesquisa em contexto com as palavras-chave dessa pesquisa e a temática principal: formação por meio do exemplo em Clemente Romano, se resumem aos textos acerca do próprio Clemente Romano, mas sem maiores explanações em relação a temática: formação por meio do exemplo em Clemente Romano. A pesquisa em bibliotecas físicas de universidades estaduais e/ou federais supramencionadas (excetuando-se a Universidade Federal do Maranhão pois, não foi possível visitá-la) usufrui de igual resultado.

Por isso, este estudo poderá contribuir para a investigação da temática em apreço e abrir novas possibilidades interpretativas. Ao se refletir acerca da divulgação científica, atentamo-nos a esse fato e justificamos nosso objeto de estudo. Além do interesse pessoal com a temática, também como viés de contribuição para posteriores investigações e progressão nesta pesquisa.

Os registros no âmbito da antiguidade clássica acabam por se delimitar aos educadores da fé com maior número de produções e Paulo de Tarso é o principal exemplo. As contribuições clementinas, entretanto, possuem como reconhecimento de produção autêntica apenas a *I Carta* de Clemente Romano. Dessa forma, a pesquisa investigativa, fichamentos e leituras acabam por se ater aos estudiosos já citados anteriormente, entre outros, nesta seção como fontes secundárias.

Sendo assim, elencamos que nesta ou em posteriores pesquisas, independentemente do tempo histórico a ser estudado, é evidente considerar que os registros integram as transformações sociais que devem ser contempladas de forma a considerar as relações sociais, políticas, econômicas e culturais concretas daquele período.

Observamos que Corinto foi uma comunidade situada na cidade que era a capital da província de Acaia, localizada na região sul da Grécia, localizada aproximadamente oitenta quilômetros de Atenas. Geograficamente, Corinto era uma cidade grega, entretanto estava sob o poder do Império Romano. Era uma cidade portuária e recebia considerável fluxo mercantil. Nesse contexto, a população mantinha relações sociais, econômicas e culturais com estrangeiros e entre si.

Neste cenário, considera-se que a educação é a representação material das ideias de formação do homem ideal de determinado tempo histórico. Com isso, torna-se peça significativa para aquele momento, cuja reflexões ultrapassam os limites do seu próprio tempo.

Nesta produção, consideramos o período do cristianismo primitivo como a delimitação histórica para análise visto que é nesse período que a produção da *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios ocorre.

Historicamente, o homem transforma a sociedade por meio do trabalho e demonstra as transformações com as representações institucionais, segundo interesses de cada tempo. Com isso, Clemente Romano e suas manifestações firmaram-se de forma perene e colaboraram nas construções do processo educacional, reverberando até mesmo nas instituições escolares.

A redação deste estudo tem como metodologia a apresentação das análises obtidas durante a pesquisa sobre o documento clementino. Serão explicadas as

apreciações e discussões acerca da formação por meio do exemplo redigida por Clemente Romano na *I Carta aos Coríntios*.

Na organização deste estudo, foram estruturadas três seções, para além da introdução e considerações finais. Vale lembrar, o conteúdo dessas seções, conforme apresentadas a seguir, tem por fim sinalizar o percurso feito nesse processo de construção investigativa e detém maior detalhamento acerca das informações apresentadas nesta seção.

A fim de alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma discussão do documento clementino sob a perspectiva da formação pelo exemplo. Buscou-se e destacou-se a forma como este modelo formativo foi exposto e quais exemplos foram utilizados para a educação cristã da comunidade de Corinto.

Na primeira seção, apresenta a Introdução do trabalho, o tema de pesquisa, seus objetivos, a justificativa, a questão central da pesquisa, método e metodologia.

A segunda seção, sob o título *Clemente Romano: um Exortador de Corinto*, aprofundará as discussões sobre as influências helenísticas e judaicas, petrinhas e paulinas do autor. Intitulado por *O Conteúdo Exortativo da I Carta aos Coríntios*, a terceira seção, conforme indicação, considera a motivação, a composição e o teor pedagógico da carta clementina.

A Preocupação Formativa de Clemente Romano: A Formação pelo Exemplo intitula a quarta seção, que versará sobre a formação por meio dos exemplos, sendo eles negativos e positivos encontrados na exortação da carta. A quinta seção, *Considerações Finais*, discorre sobre os resultados das discussões propostas ao longo da pesquisa.

2. CLEMENTE ROMANO: UM EXORTADOR DE CORINTO

Clemente Romano (?-102) foi o terceiro, após Pedro, a assumir a posição de bispo de Roma, posteriormente a Lino¹ (10-76) e a Anacleto² (25-88). O objetivo dessa seção é apresentar as informações pesquisadas, de forma sucinta, sobre o autor e suas influências.

Sendo assim, a informação de Clemente Romano como o terceiro sucessor de Pedro na Sé em Roma, é referendada por Irineu de Lião (130-202)³ que, ao elencar os bispos de Roma após Pedro, cita Clemente Romano e sua atuação como bispo com reconhecimento.

Os bem-aventurados apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a Clemente, que vira os próprios apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição (IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias III*, 3,3).

O primeiro historiador da Igreja, Eusébio de Cesareia⁴ (265-369), na obra *História Eclesiástica*, destacou o papel de Clemente Romano como um dos contribuidores na manutenção das propostas formativas cristãs na igreja primitiva:

Sendo-nos impossível enumerar pelo nome todos os que na primeira geração de apóstolos foram pastores e inclusive evangelistas nas igrejas de todo o mundo, é natural que mencionemos por seus nomes e por escrito apenas aqueles dos quais se conserva a tradição até hoje graças a suas memórias da doutrina apostólica. Não cabe dúvida, portanto, de que tais são Inácio, em suas cartas cuja lista fornecemos, e Clemente na carta

¹ Lino, nascido em Tuscia, foi o 2º bispo em Roma. Pontificou entre 68 e 79 (A SANTA SÉ, s.d.).

² “(...) Anacleto, tinha sido bispo da Igreja dos romanos durante doze anos, foi substituído por Clemente que o Apóstolo, em sua carta aos Filipenses, declara ter sido seu colaborador (...)” (História Eclesiástica III, 2000, p.15).

³ “[...] foi eleito pelo povo bispo de Lião, sucedendo a São Potino, que morrera por maus-tratos na prisão aos 90 anos de idade. Entre os anos 180 e 198 escreveu suas duas obras, atualmente conhecidas. [...]” (FRANGIOTTI, 1995, p. 16).

⁴ “Aquele que ficou conhecido como “pai da história eclesiástica” nasceu entre os anos 260-265, provavelmente em Cesaréia, na Palestina” (FRANGIOTTI, 2013, p. 15).

por todos admitida, que escreveu em nome da igreja de Roma à de Corinto (EUSÉBIO DE CESAREA, *Hist. Ecl. III*, 37,4; 38,1).

Apesar de a *I Carta* não evidenciar o nome de Clemente Romano como autor, desde a antiguidade não se coloca dúvidas quanto a sua autoria (PEREIRA MELO, 2012). Ainda assim, apresenta-se aqui duas testemunhas antigas de peso em favor dessa informação: Dionísio⁵ e Hegesipo⁶. Durante o papado de Aniceto⁷ (155-166), Hegesipo passou por Corinto, registrando essa passagem, menciona a Carta de Clemente Romano aos coríntios. Dionísio foi bispo de Corinto e relatou que a *I Carta* de Clemente Romano, seguindo os costumes, continuava a ser lida aos fiéis (FRANGIOTTO, 1995, p.15).

Em sua carta, conhecida e divulgada nos primeiros séculos do cristianismo, Clemente Romano ofereceu aos cristãos da comunidade de Corinto ensinamentos, com inspirações bíblicas. Muitos deles, amparados nas epístolas de Paulo de Tarso⁸ (5-67) em Romanos, I e II Carta aos Coríntios.

Em comparação entre a *I Carta* de Clemente Romano e as epístolas paulinas, nota-se, inicialmente, que os pensamentos redigidos se assemelham, pois, originam-se do mesmo ponto de convergência, as dissidências em Corinto e a utilização da figura de Jesus Cristo enquanto modelo perfeito para o exemplo formativo cristão.

Interessante destacar que um dos principais diferenciais entre as redações da *I Carta* e as epístolas paulinas é o idioma utilizado. Eusébio de Cesareia, na *História Eclesiástica III*, menciona que “Paulo praticou por escrito com os hebreus valendo-se de sua língua pátria”, enquanto Clemente Romano redigiu sua carta originalmente em grego (EUSÉBIO DE CESAREA, *Hist. Ecl. III*, 38, 2).

⁵ Bispo de Corinto (FRANGIOTTO, 1995, p. 15) viveu em meados do ano 170. A data é incerta, mas, é considerada devido a carta escrita por Dionísio ao bispo Sotero.

⁶ Hegesipo foi escritor do século II, de origem provavelmente judaica. Passou por Corinto e chegou a Roma no pontificado de Aniceto (155-166) [...]: conhecido como autor de cinco livros de *hypomnemata* (memórias) (BERARDINO, 2002, p.659).

⁷ Aniceto, nascido na Síria, foi o 11º bispo em Roma. Pontificou entre 150 e 168, aproximadamente (A SANTA SÉ, s.d.).

⁸ “Paulo de Tarso, judeu formado no espírito do helenismo, foi um dos principais organizadores desta síntese entre judaísmo e helenismo, denominada Cristianismo. Nasceu provavelmente entre os anos de 1 a 5 da era cristã, sob o reinado do Imperador Augusto (63 a.C-14 d.C.), na cidade de Tarso, cidade situada na planície ciliciana às margens do Rio Cidno”. (SILVA, Roseli Gall Amaral da, 2010, p. 20).

Apesar de as cartas de Paulo de Tarso, sendo I e II Coríntios, relatarem, também, desordens, a carta clementina rememorou algumas delas para expor a desunião, a desobediência, a resistência dos jovens à fé cristã. Dessa forma, a *I Carta* destinou-se ao propósito de solucionar desavenças resistentes da comunidade de Corinto. A composição clementina conseguiu consignar os aprendizados apostólicos de Clemente Romano com referenciais helenísticos e contou com a autoridade que a igreja de Roma outorgou a Clemente Romano.

O prestígio da comunidade de Roma permitiu que Clemente escrevesse aos coríntios como *bispo* e orientador da comunidade coríntia, como alguém que se fundamentava na autoridade dos apóstolos. Sua carta expressa também uma comunidade romana em funcionamento e ação (ANGELOZZI, 2003, p.170).

A *I Carta* de Clemente Romano, teve como um dos objetivos reafirmar as instruções e exortações realizadas quarenta anos antes por Paulo de Tarso. A realidade de Corinto configurava-se com especificidades destacadas por Paulo De Tarso em suas epístolas. A exemplo, a nova comunidade cristã estava iniciando sua jornada acompanhada da expansão da cidade portuária de Corinto.

Diversos povos, com culturas diferentes, frequentavam a cidade e, como tal, instigavam novos interesses e problemas dos habitantes de Corinto. Entretanto, no contexto da *I Carta* de Clemente Romano, essa expansão estava praticamente consolidada, o que modificava a forma como a interpretação sobre os costumes de estrangeiros, de passagem pela cidade, influenciavam no viver comum da comunidade cristã.

O momento histórico em que a *I Carta* foi escrita encontra-se no pleno desenvolvimento do Império Romano. Nesse cenário, o Império Romano sustentava as bases socioeconômicas e políticas de seu tempo, bem como marcou o encontro e o desenvolvimento de diversas formas de religiosidade, incluindo o início do cristianismo. A origem da religião cristã está entrelaçada à história do Império Romano, reconhecido como uma das maiores organizações territoriais e políticas da história da humanidade.

O Império Romano foi a estrutura estabelecida para assumir o posto que anteriormente pertencia à República Romana. Essa transição, ocorreu com o intuito de perpetuar o controle romano sobre os territórios conquistados.

A transição da República ao Império foi realizada não sem grandes conflitos e lutas. A estrutura oligárquica de governo, estabelecida durante a República, mostrou-se – no séc. I – incapaz de integrar efetivamente o enorme território conquistado em toda a bacia do Mediterrâneo (FLORENZANO, 1982, p. 84).

Em toda a extensão territorial romana o poder estava centrado nas mãos do imperador, figura essa que ostentava o posto de “general-chefe aclamado pelos soldados, que nele saúdam o poder divino gerador de vitórias. O imperador é reconhecido pelo Senado e pelo povo [...]” (GRIMAL, 1993, p.301). Ele outorgava a si mesmo singulares direitos sobre a cidadania, a distribuição dos impostos e decisões do Império.

O Império Romano caracterizou-se por ser um período político em que se destaca a ampla dominação organizacional da potência romana, no exercício do poder. Vale lembrar que esse período político estava associado a uma aristocracia tradicional, imposto a uma ampla extensão territorial (ROUX, 2009).

Dessa forma, o contexto histórico da *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios está na amplitude transformadora do momento de investigação, descrição das concepções de mundo, sociedade, homem e razão, que tinham como base fundamental o Império Romano que se construiu enquanto a filosofia concebia uma nova forma de compreensão.

Com a agregação da Grécia ao Império Romano, o que ocorreu em 146 a. C., a ainda existente esperança de uma possível liberdade política se perdeu para os gregos. Por outro lado, mesmo que de início tenha havido resistência, a cultura grega foi assimilada e adaptada pelos seus conquistadores, os quais ajustaram as correntes filosóficas helenísticas ao seu espírito prático (CAVICCHIOLI, 2005).

O Império Romano, portanto, se apropriou da cultura filosófica Grega, adaptando a mesma a seus interesses específicos, o que fez com que ela se diferenciasse da cultura grega clássica, e até mesmo do pensamento helenístico grego, indo ao encontro das necessidades da organização política social do Império Romano.

O mundo, constituído pelo Império Romano, era penoso para a grande maioria da população, fato que em síntese contribuiu para a divulgação e aceitação do pensamento cristão. “O cristianismo primitivo nasceu nesta atmosfera e entre

peças que estavam mais do que todas as outras predispostas a aceitar o sobrenatural.” (ENGELS, 1969, p. 23).

Destarte, “[...] a helenização do movimento cristão não deve ser vista de forma unilateral, mas como exigência apontada pela sociedade, na busca de amenizar os conflitos existentes naquele momento histórico” (CAVICCHIOLI, 2005, p.10). O cristianismo, mesmo que inicialmente tenha recusado a cultura helenística, posteriormente, para dar sustentação à sua proposta universalista, se apropriou daquilo que, para ele, tornou possível alcançar as multidões, tanto judias, como também aqueles que eram considerados pagãos.

Nesse contexto, a comunidade de Corinto, nesse momento de expansão do cristianismo, apresentou-se como uma comunidade formada em um contexto específico e a partir do magistério paulino. As diversas exortações de Clemente Romano a respeito de problemas éticos de ordem comportamental, reforçam os ensinamentos paulinos e buscam cessar o conflito dentro da comunidade cristã.

Ao mesmo tempo em que o magistério iniciado por Paulo de Tarso crescia e se desenvolvia, também aumentavam consideravelmente as dificuldades. As práticas comportamentais se mostravam extremamente desordenadas e confusas na comunidade de Corinto, ocasionando sérios problemas éticos (SILVA, 2010, 53).

Sendo assim, por meio das cartas, a comunidade de Corinto recebia instruções e aconselhamentos sobre a manutenção do viver cristão em meio a uma capital que vivenciou acabar “o tempo dos pastores e das cabanas. Começou-se a construir casas de pedra, pavimentar as praças, erguer templos” (GRIMAL, 2003, p.30). Passou a ser uma cidade repleta de diferentes relações e conhecimentos sociais:

A carta que viajava de comunidade em comunidade, de país em país era antes de tudo um vínculo entre irmãos dispersos, sempre empenhados na unidade. Eles se escreviam, consultava-se e ajudavam-se mutuamente. Os viajantes muitas vezes eram portadores de uma mensagem da comunidade de origem. As igrejas se escreviam umas às outras; os bispos, de modo especial, mantinham entre si e com as comunidades uma correspondência que se foi ampliando (HAMMAN, 1995, p.37).

Ao assumir sua posição como bispo por volta do ano 88, em Roma, Clemente Romano, já era reconhecido nas comunidades cristãs. Esse

reconhecimento ampliou-se devido ao prestígio da referida carta e pelo fato dela ter sido lida por muito tempo após sua redação. A aludida *I Carta* contribuiu para a disseminação dos conceitos cristãos pois, ela continuou a ser referência no estudo da fé e trouxe luz aos posteriores ensinamentos da igreja.

Nesse sentido, os escritos na *I Carta* buscam aconselhar e apontar soluções para o conflito persistentes da comunidade. As desordens, segundo o autor, eram motivadas por insubordinação à hierarquia e a falta de união de Corinto, advindas de jovens contrários aos presbíteros mais velhos:

Foi durante a perseguição montada por Domiciano no ano de 95 que chegaram a Roma as notícias dos incidentes que levaram à cisão da comunidade cristã em Corinto. Esse movimento, provavelmente, foi liderado por jovens que provocaram a deposição de beneméritos anciãos (presbíteros), embora estes não tivessem sido acusados de nenhuma culpa em particular (PEREIRA MELO, 2012, p.187).

Na compreensão de Pereira Melo (2012) uma das preocupações de Clemente Romano era destacar a importância da organização eclesiástica e “de maneira sutil, a autoridade da Igreja de Roma” (PEREIRA MELO, 2012, p.183). Mesmo que, naquele contexto, Roma ainda não se apresentasse como centro exclusivo da fé cristã.

A linguagem e a abrangência da argumentação mostram que Roma não podia reivindicar nenhuma autoridade em relação a outras comunidades, mas, não se pode negar que a *I Carta* se trata de um documento da vontade e da capacidade da comunidade romana (PEREIRA MELO, 2012, p.183).

Na medida em que se configura como um texto feito sob solicitação, ele contém diretrizes que procuram informar o leitor dos objetivos que pretendia alcançar: restabelecimento da harmonia na comunidade, respeito à hierarquia e temor à Deus.

A *I Carta* traz consigo preceitos cristãos do Período Apostólico que, para seus líderes e seguidores, faziam parte de uma igreja divina, mas, essencialmente humana. Essa igreja exercitava o acolhimento como prática natural do homem que se considerava renovado pela Boa-Nova anunciada por Cristo (PEREIRA MELO, 2012). Esse acolhimento representava a essencialidade das ações desencadeadas

pelo maior mandamento pregado por Cristo “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (BÍBLIA, 2015, Mateus, 22,39) e, fielmente, incentivado nas comunidades cristãs.

Ao ser informado acerca da dissidência que tomava conta da comunidade de Corinto, Clemente Romano escreveu na tentativa de apaziguar e restabelecer a ordem. Nos seus dizeres, o estado de ânimo em que se encontrava a comunidade era de brigas, ódios, disputas, divisões e intrigas internas. Essas condutas não eram consideradas cristãs e, como tais, contribuíram para o enfraquecimento da comunidade e não a sua construção.

Nesse amplo contexto histórico, o cristianismo primitivo desenrola-se na comunidade dos coríntios, que possuía uma minoria de cristãos de alta e média posição, e uma maioria de pobres e miseráveis (BARBAGLIO, 1989), assim como a configuração da cidade de Corinto era repleta de pobres e com uma minoria abastada.

Além do mais, nota-se que, apesar do conflito de cunho sociais - como a perseguição de Domiciano⁹ (81-96), as desigualdades coletivas e até mesmo a fome - de certa forma, o cristianismo, mesmo no cerne de sua organização, responde às necessidades sociais daquele momento. Eusébio de Cesarea menciona a perseguição de Domiciano:

Domiciano deu provas de uma grande crueldade para com muitos, dando morte sem julgamento razoável a não pequeno número de patrícios e de homens ilustres, e castigando com o desterro fora das fronteiras e confisco de bens a outras inúmeras personalidades sem causa alguma. Terminou por constituir a si mesmo sucessor de Nero na animosidade e guerra contra Deus (EUSÉBIO DE CESAREA, *Hist. Ecl. III*, 17,1)

A perseguição sob a coroa de Domiciano ocorreu cerca de trinta anos após a perseguição de Nero e, segundo Gonzales (2011), deu-se início com a exigência de o Império Romano para os judeus enviarem oferta. Com a recusa dos judeus, a perseguição iniciou-se e ainda não havia evidentes distinções entre judeus e cristãos, sendo assim, inicialmente, os cristãos também foram perseguidos.

⁹ “Após a morte de Nero, sucederam-se seis imperadores (Galba, Ótão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano), num curto espaço de 28 anos, sendo que 10 anos (69-79) foram do reinado de Vespasiano e 15 (91-96) de Domiciano. [...] Quanto a Domiciano, a tradição o considerava como sendo o fator da segunda perseguição contra os cristãos” (BONI, 2014).

Entretanto, a perseguição perdurou, pois, “o imperador Domiciano, que perseguiu os cristãos nos fins do século I, parece ter sido o primeiro imperador a perceber que a nova fé representava uma ameaça às velhas tradições romanas” (GONZÁLEZ, 2011, p. 44).

A resposta às necessidades da época “implica uma modificação da sua base social” (AGUIRRE, 2009, p.164) ao apresentar um futuro atrativo, porém, inalcançável na existência terrena. As ações em busca da cidadania celeste auxiliam, portanto, a ideia de manutenção do modo de produzir e reproduzir a vida naquele momento.

Na Carta recordou o passado, as advertências feitas por Paulo de Tarso, e destacou a necessidade do respeito à hierarquia. Nesse exercício formador, pôs à luz destacando a formação pelo exemplo, distinguindo exemplos positivos e negativos, utilizando-se de suas influências judaicas e helenísticas.

2.1. Influências judaicas e helenísticas

Em virtude dos poucos registros históricos acerca de sua origem, bem como de sua formação, pode-se identificar em Clemente Romano, por meio da leitura de seu escrito, as suas influências helenísticas e judaicas conforme apresenta seus argumentos em sua carta aos Coríntios.

Evidências do conhecimento em hebreu de Clemente Romano está em *História Eclesiástica III*, de Eusébio de Cesareia, ao mencionar que Paulo de Tarso escreveu em hebraico e “alguns dizem que a carta foi traduzida pelo evangelista Lucas, mas outros afirmam que foi o próprio Clemente” (EUSÉBIO DE CESAREA, *Hist. Ecl. III*, 38, 2). A hipótese da tradução pelas mãos de Clemente Romano é, segundo Frangiotti (1995, p.13), “bem mais verdadeira”.

A suposição de sua origem judaica se deu pelo conhecimento amplo do Antigo Testamento presente na escrita da carta como podemos identificar, por exemplo, nas extensas citações e transcrições a respeito dos Salmos, passagens de Isaías, de Jó, menções aos apócrifos judaicos, entre outros.

Como a intenção era evitar a distorção da imagem do “pleno e profundamente romano” (BUENO, 1965, p.122) bispo Clemente, a possível identidade clementina como judeu foi ignorada, no seu tempo, no entanto, é possível notar as contribuições da cultura judaica.

Pode-se citar os personagens invocados como exemplos de ações positivas, utilizados para lembrar aos coríntios sobre a harmonia na comunidade e a humildade nas ações e pensamentos. Em acordo com Calvo (1994), é possível notar um repertório da tradição judaica, visto a utilização constante de textos consagrados da mesma:

A herança hebraica judaica de Clemente pode-se constatar: - em sua atitude de evitar o nome de Deus, substituindo por um pronome; - na teologia do Nome de Deus; - em seu estilo, com abundantes reminiscências da linguagem da LXX; - em seu conhecimento e uso de apócrifos do Velho Testamento; - na descrição dos quadros do exército com o qual quer ilustrar a disciplina comunitária; - alguns temas levíticos (CALVO, 1994, p.32).

Calvo (1994), elenca como elemento importante na identificação da influência judaica no pensamento clementino: “Em sua atitude de evitar o nome de Deus, substituindo por um pronome” (CALVO, 1994, p.32), conforme é verificado no texto de Clemente Romano:

Obedeçamos, portanto, ao seu nome santíssimo e glorioso, fugindo das ameaças proferidas pela Sabedoria contra os que resistem, a fim de que ‘habitemos confiantes’ sob o nome santíssimo de sua majestade [...] conceda a toda pessoa que invoca o seu nome magnífico e santo, a fé, o temor, a paz, a perseverança, a paciência, a continência, a pureza e a moderação. Dessa forma, a pessoa será agradável ao seu Nome [...] (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 42 e 46).

Conforme afirma Calvo (1994), a inserção de Clemente Romano, “na teologia do Nome de Deus” (CALVO, 1994, p.32), é tópico que faz alusão ao judaísmo. Alguns aspectos sugerem o conhecimento que ele tinha dos profetas e personagens bíblicos do Antigo Testamento, que usou na composição de sua argumentação para construir uma unidade na cidade destinatária da epístola: “Será que Ananias, Azarias e Misael foram trancados numa fomalha ardente pelos que

praticavam o culto elevado e glorioso do Altíssimo?” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 37)”. Essas são expressões presentes nos escritos clementinos, que sugerem indícios de seu domínio das principais referências judaicas da época.

Para além desses aspectos, outros também se destacam na obra de Clemente Romano, como alega Calvo (1994) ao mencionar o estilo de escrita clementino com abundantes utilizações da linguagem judaica (CALVO, 1994, p.32). A fonte apresenta esse ponto de forma elucidativa: “Ornados de conduta virtuosa e venerada em tudo, realizáveis todas as coisas no temor de Deus. Os preceitos e decisões do Senhor estavam inscritos na largueza do vosso coração” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 20).

Não se pode deixar de mencionar o fato de que, no escrito de Clemente Romano, os conhecimentos sobre o Antigo Testamento apresentam-se expostos na obra da seguinte forma:

Longe de nós esta Escritura, onde se diz: “Infelizes os que têm a alma dividida, aqueles que duvidam em seu íntimo, e dizem: ‘Já ouvimos essas coisas no tempo de nossos pais. Eis, porém, que envelhecemos e nada disso nos aconteceu” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 29).

Esses temas são recorrentes no texto de Clemente Romano, que buscou as referências bíblicas para a composição das ideias e valores que pretendia defender e recomendar aos cristãos de Corinto: “Lava-me da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado, porque eu reconheço a minha iniquidade, e o meu pecado está continuamente diante de mim” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 26).

As referências judaicas contidas no texto de Clemente Romano aludem para o fato de que o autor não apenas tinha conhecimento dessa tradição como também procurou no Antigo Testamento o respaldo que necessitava para compor sua argumentação para definir o perfil de cristão que desejava formar. Procurava, pois, resolver uma situação de conflito e elaborou um conjunto de valores que implica no diálogo com a tradição bíblica e também com a helênica. A *I Carta* de Clemente Romano foi escrita em grego, possivelmente para atingir um público dessa matriz linguística e cultural, já que o destinatário da carta era Corinto. Em face disso, na redação de Clemente Romano identificam-se expressões estoicas. Esse acontecimento remete à mistura de culturas que inseriu, por exemplo, a escrita

grega em Roma assim como o estoicismo¹⁰ que adquiriu traços adaptados à vida romana.

Desta forma, a helenização do movimento cristão não deve ser vista de forma unilateral, mas como exigência apontada pela sociedade, na busca de amenizar o conflito existentes naquele momento histórico (CAVICCHIOLI, 2005, p.10). O cristianismo do primeiro século, mesmo que em sua origem tenha rejeitado a cultura helenística, com a finalidade de dar sustentação à sua proposta formativa, se apropriou dessa referência de pensamento.

Assim, o cristianismo não pode ser pensado nem compreendido em sua totalidade sem as contribuições desse pensamento constituído historicamente; as quais, contraditoriamente, foram fundamentais para a negação da própria cultura greco-romana. (CAVICCHIOLI, 2005, p.9).

Esses indicativos, entretanto, não apontam que Clemente Romano era judeu desde o nascimento ou que o judaísmo era sua única fonte de espiritualidade, “de fato, Clemente parece depender estreitamente do judaísmo helenístico” (FRANGIOTTI, 1995, p.14), visto que, além dos indicativos judaicos, Clemente emprega citações de Eurípedes e Sófocles, personagens gregos.

A opção de Clemente Romano pela redação em língua grega apresenta reflexões acerca de quais influências, dentre as judaicas e helenísticas, conquistaram maior adesão pelo autor e conseqüentemente podem expressar parte do contexto histórico.

Essas influências, formaram o pensamento de Clemente Romano, possibilitando a elaboração de uma proposta formativa de coincidia com a realidade política, religiosa, cultural e econômica de seus interlocutores.

¹⁰ “Segunda grande escola filosófica da idade helenística, assim denominada por ter a sua sede no Pórtico de Atenas. Foi seu fundador Zenão de Cítio (332-262 a.C.). O estoicismo foi desenvolvido e modificado por uma sucessão de hábeis expositores; houve intercâmbio de ideias com escolas platônicas e aristotélicas posteriores. O estoicismo posterior é representado por três escritores [...] São eles o renomado literato romano Sêneca (2. a C. – 65 d.C.), o escravo liberto Epicteto (55 a.C. – 135 d.C.) e o imperador Marco Aurélio (nascido em 121, imperador em 161 e morto em 180)” (STEAD, 1999, p.49).

2.2. Influências petrinas e paulinas

O texto de Clemente Romano é reconhecido como um dos mais importantes da tradição posterior à Apostólica, marcado, sobretudo, pela tentativa de resolver o conflito de uma igreja em construção. A recorrência às referências veterotestamentárias e à tradição helenística parecem ser recursos que visavam atingir um público predominantemente helênico, mas que também estava inserido na dinâmica da fé cristã. Por conta disso, o autor usou dos meios disponíveis para atingir o objetivo que pretendia e dialogou com personagens importantes do cristianismo, a exemplo de Pedro e Paulo.

O contato de Clemente Romano com os apóstolos Pedro (1 a.C.- 67) e Paulo de Tarso (5-67) é apresentada, portanto, como suposição baseada pela fé, como nos apresenta Pereira Melo (2012):

Ao contrário da incerteza quanto às suas origens, maior segurança cerca a notícia da relação que manteve com os apóstolos Paulo de Tarso (5-67) e Pedro (1 a.C.-67 d.C.). Ao se considerar essa possibilidade, é necessário ter em conta que ela é respaldada pela fé, ao contrário da polêmica a respeito de suas origens, na qual se especula sobre seu trânsito pelas esferas da aristocracia romana e sobre a possibilidade de seu nome estar relacionado ao de uma das famílias mais importantes do seu tempo (PEREIRA MELO, 2012, p.184).

Considera-se, ainda, que o autor da *I Carta* recebeu influências diretas dos apóstolos, visto que “é atribuído à sua suposta relação com São Pedro e os apóstolos, dos quais teria recebido diretamente os ensinamentos de Cristo” (PEREIRA MELO, 2012, p.181-182). Essa suposta estreita relação moldou Clemente Romano de forma que, ao assumir o cargo de bispo de Roma, seu reconhecimento, enquanto cristão e entre os cristãos, o precedeu.

A tradição católica não tem dúvidas da influência e relacionamento do Apóstolo Pedro e Clemente Romano,

[...] a primazia que no escrito se atribui ao bispo de Roma, nitidamente se reporta a Pedro e, acima e além de Pedro, a Cristo. O poder de reger, ínsito ao dirigente da comunidade, deve conter em si a possibilidade de remontar a Pedro, em cadeia sucessória

ininterrupta. Clemente, como bispo de Roma, possuía consciência dessa tradição (FISCHER-WOLLPERT, 1985, p.197).

A exaltação de personagens virtuosos, como os Apóstolos, reconhecidos como referenciais para os cristãos são evidentes na *I Carta*, já que os cristãos nutriam pelos apóstolos e por seus ensinamentos o mesmo respeito que dedicavam pela fé no Cristo. A esse respeito, Frangiotti (1995), ao mencionar a suposta longa viagem empreendida por Clemente Romano, menciona que ele “[...] foi então que encontrou são Pedro e se tornou seu discípulo” (FRANGIOTTI, 1995, p.11).

Outros escritores reconhecidos na tradição histórica cristã, como Irineu de Lião, também citam essa relação:

Os bem-aventurados apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a Clemente, que vira os próprios apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição (IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias* III, 3,3)

Ainda a respeito da influência de Pedro sobre Clemente Romano, Frangiotti aponta São Jerônimo¹¹ em *Adv. Iovinianum, VII* afirma: “A estes (isto é, aos virgens de ambos os sexos) escreve uma carta Clemente, sucessor de Pedro Apóstolo, e de quem Paulo faz menção em quase todo seu discurso o entretenceu sobre a pureza da virgindade” (FRANGIOTTI, 1995, p.12).

Paulo de Tarso escreve sua Carta aos Filipenses, uma das epístolas consideradas autênticas por estudiosos da temática, capítulo 4 verso 3: “[...] em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida.” (BÍBLIA, 2015, Epístolas aos Filipenses, 4,3). Pode-se pensar, então, o entendimento de que o Clemente citado em Filipenses é o Clemente Romano. Eusébio de Cesaréia e São Jerônimo também citam Clemente Romano fundamentados neste recorte da escrita de Paulo de Tarso aos Filipenses.

Eusébio de Cesareia reitera a fala de Paulo de Tarso ao reafirmar a figura de Clemente citada no verso 3: “Paulo atesta que Clemente, igualmente seu cooperador e companheiro de lutas (Fl 4,3)” (*História Eclesiástica III*, 2000, p.77).

¹¹ São Jerônimo – cujo nome em latim, Hieronymus, deriva do grego e significa “devoto” ou “de nome sagrado” – nasceu em Estridão, na Dalmácia, entre 345 e 347 e morreu em 419 ou 420.

Assim como menciona que “Paulo testemunha ter sido Clemente enviado às Gálias (2Tm 4,10)” (Ibidem). São Jerônimo, por sua vez, fundamenta-se em Eusébio de Cesareia e evoca a mesma referência escrita por Paulo de Tarso fazendo breve adendo “Clemente, [...], discípulo dos apóstolos, que foi, depois dos apóstolos, bispo e mártir da Igreja romana” (JERÔNIMO DE ESTRIDÃO, *Apologia contra os livros de Rufino II*, 17).

Sobre as influências paulinas, elas são identificadas na redação da *I Carta de Clemente aos Coríntios*. Os ensinamentos exortados por Clemente Romano relacionam-se com a proposta formativa já apresentada por Paulo de Tarso, aos coríntios. É errôneo não destacar que, anteriormente, a comunidade foi fundamentada sob a régia do apóstolo Paulo de Tarso.

A *I Carta* apresenta não apenas as influências de Paulo de Tarso, mas, igualmente, os conhecimentos de grandes temas das epístolas paulinas por parte de Clemente Romano (CALVO, 1994, p.30). Essas referências, muito provavelmente, advêm do provável contato com Paulo de Tarso e a formação judaica do apóstolo. Segundo Calvo (1994), podemos apresentar a relação do capítulo 35 em que Clemente compartilha um “catálogo de vícios” (CALVO, 1994, p.31) influenciado nos ensinamentos de Paulo de Tarso em Romanos:

No entanto, caríssimos, como acontecerá isso? Acontecerá se a nossa mente estiver fielmente voltada para Deus, se procurarmos aquilo que é aceito por ele e que lhe agrada, se cumprirmos aquilo que convém à sua vontade irrepreensível e se seguirmos o caminho da verdade, afastando de nós toda injustiça e maldade, avareza, rixas, perversidades e enganos, murmurações e maledicências, recusa de Deus, orgulho e jactância, vanglória inospitalidade. Aqueles que praticam tais coisas são odiados por Deus, “não só os que as praticam, mas também os que as aprovam” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.33).

E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém: repletos de toda sorte de injustiça, perversidade, avidez e malícia, cheios de inveja, assassínios, rixas, fraudes e malvadezas; detratores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, fanfarrões, engenhosos do mal, rebeldes para com os pais, insensatos, desleais, sem coração nem piedade. Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aprovam os que praticam (BÍBLIA, 2015, Romanos, 1, 28-32).

Como é possível compreender, a redação de Clemente Romano rememora os ensinamentos paulinos a respeito do conflito, que devem ser evitados. Sugere os comportamentos ameaçadores e causadores das rivalidades, impróprios aos cristãos e que eles devem evitar. Além do mais, sugere os traços de um homem doutrinado e respeitoso à tradição que representa. Quando redige suas próprias exortações e sentenças, o faz a partir do que já lhe foi exortado. Além disso, a tradição católica e o registro de Paulo de Tarso aos filipenses apresentam, inclusive, influências pessoais e não apenas por meio das epístolas.

As influências paulinas estão presentes nos versículos que compõem o capítulo 49, da *Carta de Clemente Romano aos Coríntios*. Ele menciona sobre a supremacia do amor, passagem relacionada com umas das partes mais conhecidas da I Carta aos Coríntios:

O amor nos une a Deus, “o amor cobre a multidão dos pecados”. O amor tudo sofre e tudo suporta. No amor não há nada de banal, nem de soberbo. O amor não divide, o amor não provoca revolta, o amor realiza tudo na concórdia. No amor, tornam-se perfeitos os eleitos de Deus; sem o amor nada é agradável a Deus. É no amor que o Senhor nos atraiu a si. É por causa de seu amor para conosco, que Jesus Cristo nosso Senhor, conforme a vontade de Deus, deu o seu sangue por nós, sua carne pela nossa carne, e sua vida por nossa vida (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.39).

Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos. Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine (BÍBLIA, 2015, I Coríntios, 12, 31; 13, 1)¹²

Nesse sentido, a exortação da *I Carta* contempla as influências descritas e redige aconselhamentos fundamentados na tradição cristã e serão analisados a seguir.

¹² “À diferença do amor passional e egoísta, a caridade (*ágape*) é um amor de dileção, que quer o bem do próximo [...]” (BÍBLIA, 2015, p. 2009).

3. O CONTEÚDO EXORTATIVO DA *I CARTA AOS CORÍNTIOS*

A carta clementina foi destinada para uma comunidade que experienciava conflitos internos que, ao que tudo indica, eram provocados pelas disputas existentes entre personagens de setores sociais e etários diferentes. Para as proporções do tumulto ocorrido nessa comunidade, mostrou-se necessária uma intervenção, o que foi realizado pelo bispo de Roma. Esta intervenção deu-se por meio da *I Carta* que possui sua estruturação elaborada e discorre de forma organizada sobre os exemplos apresentados. Dessa forma, o objetivo dessa seção é apresentar a estrutura geral da *I Carta* e discorrer brevemente sobre seu conteúdo.

Para a explanação acerca do conteúdo exortativo da *I Carta*, faz-se necessário estabelecer uma breve explanação acerca da diferenciação, aqui empregada, entre carta e epístola. O Léxico Analítico, apresenta epístola e carta enquanto sinônimos: “palavra enviada: uma ordem, determinação, uma epístola, carta” (MOUNCE, William, 2013, p.267). Entretanto, Cothenet (1999, p.18) menciona que carta é um escrito de ordem pessoal, direcionada a uma pessoa ou grupo de pessoas específico, enquanto epístola possui caráter de obra literária e tende a ser mais elaborada.

É importante evidenciarmos que ao adotarmos o título “carta” para a obra clementina não deixamos de identificar sua extensa elaboração. Mas, consideramos ainda que o escrito foi direcionado, inicialmente, apenas à comunidade de Corinto com o intuito de solucionar a desavença ocorrida. Desse modo, a produção foi, primeiramente, um escrito de ordem pessoal, e apenas posteriormente, a carta foi lida e divulgada entre as comunidades.

A *I Carta* é extensa e repleta de ensinamentos que foram lidos para a comunidade de Corinto e, posteriormente, nas diversas igrejas e comunidades cristãs através dos tempos devido a seu conteúdo. A relevância que o conteúdo da *I Carta* de Clemente Romano trouxe aos cristãos destaca-se no fato de que, apesar de densa, passou a ser um ensinamento constante nas comunidades cristãs.

Eusebio de Cesareia (*Hist. Eccl.* IV, 23, 11) menciona o fato de que a carta clementina foi lida na comunidade, mesmo em momentos posteriores. Segundo ele, essa situação foi mencionada por Dionísio que afirmou esse fato: “continuamos a lê-la sempre como advertência, como fazemos, de resto, com a que anteriormente nos enviou Clemente”.

Esta epístola foi tida em grande estima pela Igreja primitiva. O relato feito por Eusébio (*Hist. Eccl.*, III. 16) é o seguinte: “Há uma epístola reconhecida deste Clemente (a quem acaba de identificar com o amigo de São Paulo), grande e admirável, que ele escreveu em nome da Igreja de Roma para a Igreja de Corinto, a insubordinação tendo então surgido nesta última Igreja. Estamos cientes de que esta epístola foi lida publicamente em muitas igrejas, tanto nos velhos tempos, como também em nossos dias.” A epístola diante de nós, portanto, parece ter sido lida em várias igrejas, quase no mesmo nível dos escritos canônicos¹³ (SCHAFF, 2001, p.45, tradução nossa).

É possível que a relevância da carta estivesse associada ao seu conteúdo formativo, uma vez que ela dita comportamentos, adequados ao homem cristão, segundo o entendimento de Clemente Romano. A carta contém preceitos já conhecidos aos cristãos, a exemplo do amor, da união, da hierarquia vivenciada nas organizações cristãs em comunidade. Exortações sobre os preceitos mencionados, contribuíram na conceituação do ideário do homem cristão.

Exibe, também, as fragilidades da comunidade de Corinto que, desde os escritos de Paulo de Tarso, foi uma comunidade necessitada de constante instrução. Segundo Clemente Romano, as instruções eram necessárias para mediar conflitos na comunidade, causados, segundo ele, pela inveja, orgulho, ciúmes, insubordinação, dentre outros, pois,

[...] os cristãos achavam-se envolvidos em um *clima de hostilidade*, como demonstra o livro do Apocalipse¹⁴ ao se referir aos sofrimentos dos cristãos daquela época, e também Clemente

¹³ “This Epistle was held in very great esteem by the early Church. The account given of it by Eusebius (*Hist. Eccl.*, iii. 16) is as follows: “There is one acknowledged Epistle of this Clement (whom he has just identified with the friend of St. Paul), great and admirable, which he wrote in the name of the Church of Rome to the Church at Corinth, sedition having then arisen in the latter Church. We are aware that this Epistle has been publicly read in very many churches both in old times, and also in our own day.” The Epistle before us thus appears to have been read in numerous churches, as being almost on a level with the canonical writings” (SCHAFF, 2001, p.45).

¹⁴ “Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação [...]” (BÍBLIA, 2015, p. 2143).

Romano¹⁵, ao referir-se às dificuldades enfrentadas pelos cristãos de Roma (ANGELOZZI, 2003, p.63).

A perseguição de Domiciano aos cristãos, possivelmente caracteriza a situação conflituosa que desencadeia o que Clemente Romano julga como o motivo de “ter demorado muito para dar atenção às coisas” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23). Considera-se, ainda, as dimensões das dissidências ocorridas em Corinto suficientemente relevantes, pois, foram atendidas mesmo em meio às “desgraças e adversidades imprevistas” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23) daquele momento.

Não podemos esquecer que um pequeno grupo de jovens agiu de forma indigna, segundo o posicionamento de Clemente Romano, e destituiu os presbíteros: “indigno de conduta cristã ouvir-se dizer que a firme e antiga Igreja de Corinto, por causa de uma ou duas pessoas, está em revolta contra os seus presbíteros” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.48).

Nessa concepção da produção clementina, nota-se o adendo de valorização da convivência para a comunidade enquanto grupo. No caso, a substituição da satisfação dos interesses próprios pela comunhão e valorização dos interesses coletivos são destacados (JAEGER, 1965). O interesse individual do pequeno grupo de jovens dissidentes não poderia, portanto, implicar na dissidência de toda a comunidade. Diante do que ele considerou serem comportamentos individuais e pontuais, sugeriu a valorização da comunidade como um todo e a manutenção da disciplina.

Ao que parece, esses valores indicados são opostos aos praticados no helenismo, que tendem a ser mais individuais. Nas considerações de Reale (2005), o individualismo representava uma condição conflituosa com as singularidades da educação cristã, que exortava compreender o próximo, o convertido, como um participante da cidadania celeste. Ele era tido como um igual diante dos olhos de Deus e este participante da cidade celeste, igualmente, enfrentava as dificuldades da vida terrena.

¹⁵ “Irmãos, pelas desgraças e adversidades imprevistas que nos aconteceram uma após outra, acreditamos ter demorado muito para dar atenção às coisas que entre vós se discutem” (Clemente Romano, 1995, p.23).

Para isso acontecer, a individualidade e a desunião deveriam ser combatidas e, nesse contexto, Clemente Romano atribui papel significativo à família. Nesse momento, observamos Hamman (1995) que comenta sobre a designação familiar na educação cristã das crianças:

[...] Educar cristãmente os filhos, permitir-lhes participar da fé e inculcar-lhes uma sã disciplina em matéria de vida moral é dever fundamental dos pais; nisso há mais que na tradição romana". Nesse ponto, o cristianismo primitivo prolongou a tradição judaica e despertou nos pais a consciência de sua responsabilidade educadora [...] (HAMMAN, 1995, p.203).

Do bispo de Roma, a família recebe o lembrete e o evidente encargo familiar enquanto responsável pelo cultivo e transmissão dos ensinamentos disciplinares e da consciência coletiva. Clemente Romano, quando escreve à comunidade, busca atribuir a responsabilidade familiar na educação cristã das crianças. Ele utiliza suas recomendações apostólicas, em busca de retomar a ordem da comunidade de Corinto

Veneremos o Senhor Jesus Cristo, cujo sangue foi dado em nosso favor; respeitemos aqueles que nos guiam; honremos os anciãos; instruamos os jovens, ensinando-lhes o temor de Deus; dirijamos nossas mulheres no reto caminho do bem. Que elas mostrem em si mesmas o amável hábito da castidade; que provem com doçura sua resolução sincera; que manifestem a moderação de sua língua, por meio de seu silêncio; que exerçam a caridade, não com parcialidade, mas na santidade e na equidade em relação a todos aqueles que temem a Deus. Que nossos filhos participem da educação em Cristo; aprendam qual é o poder da humildade junto de Deus; qual o poder do amor casto junto dele; como o temor de Deus é belo, como é grande e como salva aqueles que vivem santamente nele, de coração puro! (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.28).

Dessa maneira, a educação cristã é exortada nas cartas e epístolas a fim de delegar o papel de disseminação do amor cristão e, conseqüentemente, converter outros fiéis. As instruções sobre a forma de agir, em acordo com os ensinamentos cristãos reforçados pela igreja de Roma, representada na *I Carta* de Clemente Romano, são apresentadas por meio das personagens apresentadas, a fim de lembrar o modelo de homem cristão a ser formado.

3.1. A motivação da carta pedagógica

A carta de Clemente Romano tinha um objetivo e endereço certos: era o esforço do bispo em amenizar uma situação conflituosa numa das comunidades cristãs mais importantes, Corinto. A primeira carta de Clemente Romano aos Coríntios é, segundo Vielhauer (2005), uma carta aberta da comunidade de Roma destinada a Corinto, com a intenção de intervir nos assuntos internos dessa comunidade. É um documento político-eclesiástico de importância histórico-eclesiástica de longo alcance porque seu conteúdo ultrapassa os limites da cidade a que foi endereçada e seu conteúdo é revelador, em termos dos princípios nela contidos, especialmente os formativos.

Endereçada a comunidade de Corinto, a carta foi motivada por uma série de situações descritas como “uma revolta abominável e sacrílega” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23) e buscou restabelecer a respeitabilidade tradicional da comunidade. Os coríntios, já reconhecidos como uma das principais comunidades cristãs do primeiro século, desde as suas origens, já enfrentava problemas internos devidamente registrados por Paulo de Tarso.

Durante a perseguição de Domiciano tornou-se evidente a necessidade de organização e união das comunidades cristãs. A *I Carta* busca retomar a ordem de Corinto e restabelecer a união tão necessária para o momento. A firmeza e imperatividade redigida por Clemente Romano é um vislumbre da preocupação da igreja, ainda em processo de construção, mas, evidentemente organizada, em manter a fé apesar das incertezas que o momento apresentava aos cristãos.

A comunidade de Corinto, apesar da maturidade, do seu longo trajeto na fé cristã e cultura cristã da época, foi abalada e isso não condizia com o comportamento esperado para fiéis de Jesus Cristo. Jaeger (1965) traz luz à essa informação ao declarar a respeito da harmonia necessária como valor fundamental do cristão, que não poderia viver em conflitos e dissoluções.

As longas e fortes declarações sobre concórdia e unidade que encontramos na carta da Igreja Romana revelam a convicção fundamental de que a religião cristã - se quiser formar uma verdadeira comunidade - requer uma disciplina semelhante à dos

cidadãos de um estado bem organizado, penetrado pelo mesmo espírito comum a todos (JAEGER, 1965, p.32).

De acordo com Frangiotti (1995), Clemente Romano tinha a perspectiva de construir um ambiente de paz e harmonia e as discordâncias e desavenças representavam obstáculos. Ele entendeu que a ótica cristã de unidade era própria dos eleitos de Deus ao passo que a insensatez e arrogância tidos como “loucura” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23, 57) fazendo-o apresentar saudoso ao afincado cumprimento de deveres.

Apesar das desordens advindas da inveja e discórdia, a principal motivação da escrita da carta foi a substituição dos presbíteros por figuras mais jovens: “Eles haviam se rebelado contra a autoridade dos presbíteros, expulsando-os de seus ofícios” (ALTANER, 2004, p.55). Isto é elencado como a principal motivação por ser o problema mais registrado ao longo da carta (VIELHAUER, 2005).

Dessa forma, os sem honra se rebelaram contra os honrados, os obscuros contra os ilustres, os insensatos contra os sensatos, os jovens contra os anciãos. [...] Os que foram estabelecidos por eles ou por outros homens eminentes, com a aprovação de toda a Igreja, e que serviram irrepreensivelmente ao rebanho de Cristo, humildade, calma e dignidade, e que durante muito tempo receberam o testemunho de todos, achamos que não é justo demití-los de suas funções (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23; 37).

Com isso, pretendia restituir aos cargos aos presbíteros que haviam sido retirados de suas funções e substituídos por jovens. Além disso, pretendia restaurar a ordem e a fé dos “insensatos e arrogantes”, que causaram a desestruturação da comunidade tal como era conhecida (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23).

Toda honra e abundância vos tinham sido concedidas, e cumpriu-se aquilo que está escrito: “O amado comeu e bebeu, se alargou, engordou e recalcitou.” Daí surgiram ciúme e inveja, rixa e revolta, perseguição e desordem, guerra e cativoiro. Dessa forma, os sem honra se rebelaram contra os honrados [...] Por isso, a justiça e a paz se afastaram para longe, porque cada um abandonou o temor de Deus e deixou que se obscurecesse sua fé nele. Porque não se anda mais segundo as diretrizes dos seus preceitos, nem se comporta mais de maneira digna de Cristo (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.20).

Na tentativa de resolver as disputas que ele entendia contrárias aos valores cristãos que defendia, Clemente Romano procurou chamar a atenção para os princípios fundantes do cristianismo. Além do mais, entendeu que os jovens, causadores da revolta, deveriam ser convencidos a se afastar espontaneamente da comunidade:

Quem de vós é generoso, compassivo e cheio de amor? Diga ele: “Se por minha causa existe revolta, briga e divisões, eu vou-me embora. Irei para onde quiserdes, e farei o que a multidão ordenar, para que o rebanho de Cristo viva em paz com os presbíteros constituídos. Assim fazendo, ele adquirirá uma grande glória em Cristo, e todo lugar o receberá, pois “ao Senhor pertence a terra e tudo o que ela contém.” Assim agiram e agirão os que se comportam como cidadãos de Deus, sem qualquer remorso (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.40).

A carta não menciona para possíveis problemas a respeito de doutrinação. Segundo Lightfoot (1980) e Calvo (1994), nada nos leva a entender que problemas com a fé estivessem diretamente envolvidos com a redação e a motivação da carta.

Uma carta é, para todos os efeitos, uma resposta a alguma situação ou pergunta. Para tanto, a comunidade de Corinto solicitou auxílio de Roma para a resolução do conflito com maiores citações na carta: a constante desunião dos cristãos.

3.2. A organização da carta pedagógica

O fecundo debate sobre as intenções da carta, suas motivações e conteúdo, são destacados por estudiosos interessados em compreender o seu valor. A apresentação da organização da *I Carta* busca apresentar uma síntese do conteúdo completo da obra clementina. Essa pesquisa tem sob foco a formação por meio do exemplo apresentada por Clemente Romano, entretanto, outros aspectos relevantes podem ser observados ao longo da estrutura e esse subtítulo discorrerá, resumidamente, sobre o conteúdo e organização da *I Carta*.

Nesses debates, objetivando uma melhor compreensão, inúmeras divisões da *I Carta* foram elaboradas. Para o presente estudo, optou-se pela divisão sugerida por Calvo (1994) e Bueno (2002):

INTRODUÇÃO

- a) Saudação.
- b) Motivo da carta: a revolta em Corinto.
- c) Rememoração da antiga ordem que existia em Corinto e, por consequência, a delação da atual.

PRIMEIRA SEÇÃO

- a) Por meio dos preceitos cristãos (humildade, cumprimento de deveres, respeito aos idosos e conversão) busca-se reatar a ordem.
- b) Esforço incessante pela paz por meio da aceitação da retomada da ordem.
- c) Aparição dos modelos baseados em figuras do Velho Testamento
- d) Aparição dos modelos baseados na ordem: o exército romano, o corpo humano e o corpo de Cristo.
- e) Condutas de vida para a conquista da cidadania celeste.

Destacamos, em especial, nesta primeira parte o capítulo 16 *Cristo servidor* (p.25) que apresenta Cristo como modelo.

SEGUNDA SEÇÃO

- a) Análise retrospectiva citando a antiga ordem que se estabelecia na comunidade de Corinto.
- b) Rejeição da desordem que se estabeleceu.
- c) Retomada da união enquanto cristãos.
- d) Incentivo para que os culpados pelos tumultos sintam-se responsabilizados e busquem a redenção.
- e) Elucidação a respeito da ilegalidade em destituir um presbítero de seu cargo.

Destacamos, em especial, nesta segunda parte os capítulos 40 a 50 que apresentam o respeito a hierarquia e a sucessão divina. Vale ainda a lembrança da “Grande Oração” que também encontra-se finalizando essa segunda grande parte.

CONCLUSÃO

- a) Retomada do motivo do envio da carta.
- b) Saudação final.

A partir da estruturação acima, a carta está composta por 65 capítulos originalmente escritos em grego, conforme já mencionado, aproximadamente no ano 95-96. Segundo a estruturação, a *I Carta* apresenta uma parte introdutória, e contempla os 36 capítulos iniciais. Na introdução, ele faz uma saudação breve iniciada com “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Roma, para a Igreja de Deus que vive como estrangeira em Corinto [...]” (Clemente Romano, 1995, p.23). Procura elucidar a crença cristã de que os fiéis estão em plano terreno por pouco tempo e em busca da ressurreição e vida eterna celeste. Segue-se com exortações morais e a promoção de conformidade na comunidade de Corinto, hospitalidade adequada aos cristãos visitantes, fé, obediência (PEREIRA MELO, 2015).

Os capítulos 37 a 61, salvo a redação da extensa oração, citam sobre a obediência e respeito a hierarquia instaurada na comunidade. Menciona o valor da união, pois, Clemente afirmar que os cristãos formam um só corpo em Cristo, buscando, assim, a identificação coletiva cristã em busca da cidadania celeste.

Entre a segunda e a terceira parte, nesta divisão geral, está intitulada uma “Grande Oração” localizada entre os capítulos 59 verso 2 e o capítulo 61. A oração é antecedida por uma breve introdução em que Clemente roga para a perdão dos pecados e pela aceitação de Jesus Cristo como mediador. Essa oração tem o formato de uma ladainha, uma prece litúrgica com versos curtos, que iniciam exaltando o poder de Deus e segue com uma súplica para auxílio em meio as tribulações que a comunidade vem enfrentando.

Logo depois, considera a condição pecadora dos cristãos que pedem perdão pelas falhas. Segue uma solicitação por “concordia e paz a nós e a todos os habitantes da terra [...] torna-nos submissos ao teu nome onipotente e virtuosíssimo, e aos nossos chefes” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.44). É finalizada com exaltações a Deus, o “Amém”.

Nas demais partes dos capítulos 62 a 65, Clemente Romano reforça a ideia de comunidade, conclamando a união dos cristãos daquela comunidade. Após isso,

a carta menciona o motivo da escrita: a revolta em Corinto. Seguida da rememoração da antiga ordem que existia em Corinto e, por consequência, a delação da atual.

Tem início, então, a primeira grande parte da carta. Por meio da descrição dos preceitos cristãos (humildade, cumprimento de deveres, respeito aos idosos e conversão) busca-se reatar a ordem. Repete o esforço incessante pela paz por meio da aceitação da retomada da ordem. Nesta seção, apresentam-se os modelos baseados em figuras do Velho Testamento e também os modelos baseados na ordem: o exército romano, o corpo humano e o corpo de Cristo.

As condutas de vida para a conquista da cidadania celeste são todas inspiradas pela figura de Jesus Cristo, em especial, nesta primeira seção, o capítulo 16 faz referência a *Cristo servidor* (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.25), apresentado como modelo.

A segunda grande parte propõe uma retrospectiva por meio das citações da antiga ordem que se estabelecia na comunidade de Corinto. Com isso, ele apresenta a rejeição da desordem que se estabeleceu. O autor retoma a importância da união, enquanto cristãos, e incentiva o fato de que os culpados pelos tumultos se sintam responsabilizados e busquem a redenção. A seguir, elucida a respeito da ilegalidade em destituir um presbítero de seu cargo.

Por fim, Clemente Romano retoma o motivo da escritura e envio da carta: a revolta em Corinto, e finaliza com uma saudação. Nesse sentido, a carta possui, ao longo de seus 65 capítulos, a proposta educacional oferecida aos cristãos de Corinto. Para isso, Clemente Romano utilizou do exemplo ao propor modelos do Antigo Testamento, da cultura clássica e, especialmente, de Cristo para formar e retomar a consciência cristã dos coríntios.

3.3. O teor pedagógico da carta

Em seu exercício exortador, Clemente Romano convoca os cristãos a uma vida orientada pelas práticas cristãs em sua plenitude. Isso, obrigatoriamente,

passava por uma vivência de virtudes cardeais do cristianismo, quais sejam: a santidade, o arrependimento, a obediência, a humildade e a mansidão.

As virtudes expressam a sua concepção de homem, de comportamento e de práticas ideais daqueles que haviam aceitado a boa nova e, por extensão, deviam ser exemplo não somente para a comunidade interna como também para a comunidade externa.

Sobre a santidade, Clemente redige trazendo à tona a tradição de Corinto, buscando na história o reconhecimento da comunidade:

Éreis todos humildes e sem vanglória, procurando mais obedecer do que mandar, mais felizes em dar do que em receber. Vós vos contentáveis com as provisões de viagem fornecidas por Cristo, guardáveis zelosamente as palavras dele no fundo de vossas entranhas, e os sofrimentos dele estavam diante dos vossos olhos. [...] Éreis sinceros e simples uns com os outros, sem nenhum rancor. [...] Ornados de conduta virtuosa e venerada em tudo, realizáveis todas as coisas no temor de Deus. Os preceitos e decisões do Senhor estavam inscritos na largueza do vosso coração (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.20).

Ao mencionar o arrependimento, relembra que todos os cristãos estão, em vida, aguardando e trabalhando para a conquista da cidadania celeste. Para isso, Cristo é o caminho, o perfeito exemplo positivo e Deus “o Criador da ordem e da natureza”. É o destino e “exige de suas criaturas ordem e obediência” (QUASTEN, 1991). A organização das atitudes deveria, portanto, ser agradáveis para Deus:

Vejamos o que é bom, o que agrada e o que é aceito diante daquele que nos criou. Tenhamos os olhos fixos no sangue de Cristo, e compreendamos como é precioso ao seu Pai. Derramado pela nossa salvação, trouxe ao mundo a graça do arrependimento (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.21).

Ao citar a obediência, solicita o esquecimento das práticas inaceitáveis e desaprova os exemplos negativos existentes na comunidade. Aos fiéis, sob o pretexto de que os maus costumes levam a morte, ressalta que os escolhidos de Deus devem optar pelo que é da vontade d’Ele:

Obedeçamos, portanto, à sua grandiosa e gloriosa vontade. Tornemo-nos suplicantes da sua misericórdia e da sua bondade. Prostremo-nos e convertamo-nos à sua piedade, abandonando a

vaidade, a discórdia e a inveja, que levam para a morte. Fixemos nosso olhar nos que foram os ministros perfeitos de sua grandeza e de sua glória. (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.22).

A humildade e a mansidão são vistas, por Clemente Romano, como o alicerce da vida em comunidade. Ele relembra palavras de Jesus Cristo, o principal modelo, enquanto apresenta esse comportamento como vocação cristã:

Portanto, irmãos, sejamos humildes, depondo todos os sentimentos de jactância, de vaidade, de insensatez e de cólera, e pratiquemos o que está escrito. [...] Lembremo-nos, sobretudo, das palavras do Senhor Jesus, quando ele nos ensinava sobre a benevolência e a paciência. Assim dizia: “Sede misericordiosos, a fim de que sejais tratados com misericórdia [...]” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.24).

Respalado na cultura judaica, na cultura clássica e nos ensinamentos de Cristo, Clemente Romano foi generoso e pródigo em oferecer aos destinatários da sua correspondência, o que tinha de melhor dos referenciais de vivências virtuosas nessas três instâncias do conhecimento. Da cultura judaica, ancorado no Antigo Testamento, encontrou personagens consagrados pelas práticas dignas de ser seguidas pelo homem cristão, personagens que elucidavam, em especial, a humildade cristã.

Sendo assim, “a humildade e a modéstia, vividas pela obediência desses homens e mulheres sobre os quais Deus testemunhou” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.27), os lapidou como exemplares a todas as gerações cristãs, que buscam a vida eterna na pátria celeste. Clemente os apresenta como forma de convencimento da ordem e do respeito. Não apenas aos presbíteros, vítimas da revolta, mas, a toda a tradição cristã que deve ser preservada e ensinada às crianças e aos jovens (CLEMENTE ROMANO, 1995). Vale observar que após os presbíteros serem retirados de seus cargos, a *I Carta* busca restabelecer a organização dentro da comunidade. Para isso, a modéstia e a humildade são ofertadas como caminho único de redenção. Pregou-se como forte o sujeito capaz de suportar a pobreza em nome da recompensa posterior, nos céus, ao lado de Deus.

Da cultura clássica, Clemente Romano destacou novos moldes de virtudes, que transcendiam as particularidades que separavam o cristianismo da cultura

clássica. Sua compreensão de mundo, homem, sociedade e educação poderiam ser referenciais para uma vida cristã autêntica, destinada aos homens e mulheres daquela comunidade em estado de conflito:

Provavelmente, o objetivo clementino era mostrar aos coríntios - preocupados e orgulhosos de sua arte retórica - que ele, um homem romano, embora de espírito prático e objetivo, também sabia manejar os recursos artificiosos da palavra, tão prezados pelo homem grego (PEREIRA MELO, 2012, p.192).

A universalidade desses exemplos de virtudes, destacados por Clemente Romano, expressam-se em grandes personalidades clássicas. Conforme Bueno (2002) entendeu, Clemente Romano propôs aos cristãos o cultivo do apreço e admiração em relação aos modelos heroicos do mundo clássico. Essa condição sugere que ele tinha ciência da cultura clássica, por meio de excertos da literatura trágica de Eurípedes e Sófocles, além da complementação com mitologias gregas.

Essas demonstrações são evidentes na forma de identificar as mártires Danaides e Dirces que sofreram ultrajes, mas, por não desistirem de sua fé, foram agraciadas por nobres recompensas. O exemplo dessas mulheres, diverge do amplo número de modelos do Antigo Testamento, mas, são consideradas dignas de reconhecimento por suas escolhas a favor dos seus (PEREIRA MELO, 2012).

O autor da carta foi considerado pelos pares como um líder de respeitabilidade no mundo cristão. Isso se deve pelo fato de que ele se dirigiu a homens cristãos, no sentido de guiá-los segundo as orientações deixadas pelo próprio Cristo e propagadas pelos apóstolos. No nosso caso, citamos Pedro, cuja virtude foi a de suportar as diversas fadigas a fim de prestar seu testemunho e conquistar seu lugar.

Outro apóstolo citado é Paulo de Tarso, que perseverou e enfrentou cadeias e apedrejamentos para professar sua fé e, por isso, foi agraciado com o lugar santo reservado ao maior modelo de perseverança. Os demais apóstolos não envidaram esforços na propagação e universalização, do que entendiam como a boa nova trazida por Jesus. Dos exemplos cristãos, mencionados por Clemente Romano, a personagem central é o próprio Cristo. Ele é entendido e apresentado como o modelo perfeito a ser seguido e imitado por todos os cristãos, indistinto de quais fossem suas origens, situação social e formativa, conforme pode-se identificar:

Ele carrega nossos pecados e sofre por nós. E nós o contemplamos entregue ao sofrimento, à dor e aos maus tratos. Ele foi ferido por causa de nossos pecados e maltratado por causa de nossas iniquidades. A correção que nos trouxe a paz caiu sobre ele, e por suas chagas fomos curados (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.25).

E não poderia ser diferente: o cristianismo era aquela religião que oferecia os ideais, representados por Cristo e o conteúdo da carta clementina, expressava essa proposta. Portanto, para Clemente Romano, Jesus Cristo é o mediador dos pecadores para o caminho da pátria celeste. Apesar dos exemplos serem vastos em sua carta e indicarem um trajeto adequado ao homem cristão para a conquista da vida eterna, é inegável que apenas “a fé em Cristo garante todas essas coisas” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.28).

Assim, a carta clementina não se caracteriza apenas como um testemunho de amor fraterno e de caridade cristã, não podendo ser interpretada como uma expressão de indignação ou ainda como uma interferência sua nos assuntos da Igreja de Corinto. Nela se expressa toda uma concepção de Igreja, uma em sua totalidade, o que se contrapunha ao que acontecia em Corinto (JAEGER, 1998), dividida por interesses de ordem pessoal, contrários ao que exortava a prática da convivência cristã (PEREIRA MELO, 2012, p.187).

No itinerário da *I Carta*, Clemente Romano mostrou outros modelos, que também poderiam ser referenciais para aquela comunidade, carente de exemplos de virtudes. Entre esses, destaca-se Jó, fiel e crente na ressurreição. Céfas e Apolo para elucidar a negatividade de divisões na comunidade. Os opositores de Moisés, assim como o próprio faraó e seu exército, que pereceram pela falta de fé.

A partir desses referenciais formativos apresentados por Clemente Romano, exemplos negativos e positivos podem ser entendidos como os princípios utilizados na elaboração de uma didática cristã.

4. A PREOCUPAÇÃO FORMATIVA DE CLEMENTE ROMANO: A FORMAÇÃO PELO EXEMPLO

A proposta formativa elaborada por Clemente Romano não era, essencialmente, uma condição teórica, mas prática. Ele não pretendia, até onde o texto nos permite compreender, elaborar um sistema teórico de justificativas e especulações teóricas a respeito dos princípios formativos e dos valores que pretendia defender e formar. Ao contrário: era, em termos contemporâneos, uma pedagogia essencialmente prática, sustentada pela prática dos exemplos. Em face disso, o objetivo desta seção é discutir justamente a formação pelo exemplo defendida por esse importante representante do cristianismo dos primeiros tempos.

A carta escrita por volta do ano 95 inicia saudando a comunidade de Corinto “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Roma, para a Igreja de Deus que vive estrangeira em Corinto [...]” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23). Isso já revela a intensa necessidade de reiterar aos fiéis que a recompensa pelas ações cotidianas está no céu e na conquista individual da cidadania celeste.

Remete-se, portanto, às escrituras paulinas para retirar delas os aspectos que poderiam servir para a lapidação da comunidade de Corinto. Sua escrita, feita aproximadamente quarenta anos após às de Paulo de Tarso para a mesma comunidade, apresentou o evidente desafio cristão de expansão e consolidação da fé e dos fiéis.

Os conflitos da igreja de Corinto são contínuos e carentes de constantes intervenções, como as cartas enviadas, para sustentar a fé. Por meio dos escritos cristãos fica evidente que a igreja primitiva foi conflituosa. Segundo Blázquez (1996):

A opinião predominante é que às primeiras comunidades cristãs pertenciam pessoas pobres. Nas últimas décadas, chegou-se a conclusões diferentes. [...] o conflito conhecidos na igreja de Corinto ocorreram principalmente entre pessoas de diferentes níveis sociais; as tensões surgiram também no nível individual de atrito e divergências próprias de uma sociedade hierárquica e uma comunidade que estava se esforçando para viver em igualdade (BLÁZQUEZ, 1996, p.95-96).

Com efeito, em aproximadamente meio século, a igreja de Cristo difundiu-se entre os pobres, as mulheres, os escravos e iniciou a conversão, por meio da evangelização, das pessoas abastadas e intelectuais da época. As comunidades já possuíam estruturas hierárquicas e seus líderes auxiliaram na organização da igreja de Roma, desde seus primórdios. A carta de Clemente Romano apresenta o fato de que esse processo se iniciou no intervalo de tempo entre as epístolas paulinas e a carta clementina.

A comunidade já possuía líderes que, no momento em que outros passaram a participar, se sentiam privilegiados, dada a sua condição intelectual e social. É possível que os mais velhos tenham sofrido a destituição de suas posições por conta dessa rivalidade. Por isso, a comunidade necessitava de comportamentos norteadores que fossem compatíveis com o momento. Eles deveriam ser balizados pelos valores cristãos, entre os quais os de união e perseverança na fé. Essa perseverança e unidade era ainda mais necessária, se considerarmos que acontecia a perseguição aos cristãos sob a régia de Domiciano.

Os coríntios deviam ser lembrados sobre as corretas ações cristãs e, por isso, a eles foram reapresentado a figura de Cristo como principal modelo. Clemente Romano reafirma as ações de Cristo, utilizando os conceitos elencados na *I Carta*: exorta os fiéis sobre o homem benevolente que herdará o reino dos céus e o constante esforço humano em busca da cidadania celeste, como único caminho para aproximação do cristão à divindade.

Clemente Romano, sob o preceito de que os cristãos formam um só corpo em Cristo ressuscitado, no capítulo 38, verso 1 “Conservemos, portanto, todo o nosso corpo em Cristo Jesus, e cada um seja submisso a seu próximo, conforme o dom que lhe foi conferido” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.34). Com tais afirmações, Clemente Romano inicia o que seria, no futuro, considerada uma *paideia*¹⁶ cristã. Ela significava a construção pedagógica dos comportamentos definidos como cristãos, por Clemente Romano.

Nessa perspectiva, tendo como fundamento o magistério paulino desenvolvido a partir da consagração de Cristo como modelo perfeito a ser imitado,

¹⁶ *Paideia*, palavra título da obra de Jaeger (1995), é um conceito de grande amplitude para o aspecto mais amplo da formação educacional humana que abrange o campo global de desenvolvimento, a unidade de todos os aspectos gregos de “civilização, cultura, tradição, literatura ou educação” (JAEGER, 2001, p.2)

Clemente Romano vai nessa mesma direção. Revestiu o processo formativo do cristianismo, dispondo de uma “didática” concordante com a prática educacional romana: o *exemplum*. Para isso, apropriou-se dos mitos e exemplos referentes aos grandes feitos da história judaica e de alguns exemplos gregos que possuíam uma função didática.

Essa função era justamente a de transmitir às comunidades os valores que deveriam ser fundamentais para a família, a comunidade interna e as comunidades externas, principalmente a de Roma. Deveriam, portanto, gravar em seus corações a imagem, as representações de comportamentos e valores que se queria ver repetidos, imitados e emulados (CARBONERO, 2005, p.38). O exemplo é aplicado para incentivar sua imitação e para demonstrar como aquilo que desvirtua também possibilita, se bem aplicado, ao homem a verdadeira inclinação para a santidade. Esse é o objetivo e fim que o cristão deveria alcançar.

Clemente Romano, em defesa de um modelo prático da educação, apresentou os exemplos que garantiram essa “aplicação” educacional à realidade. O modelo a ser imitado ou repudiado toma por fim uma dupla função: em primeiro lugar, orientava e ilustrava a forma entendida como apropriada para a conduta ou demonstrava o que seria reprovável nas ações dos grandes homens do passado. Em segundo lugar, servia para revelar como as ações se tornam desdobramentos e estabelecem para além de seu tempo (COELHO; PEREIRA MELO, 2013).

O exemplo e as responsabilidades dessa herança advêm da figura de Cristo, tido como o modelo perfeito. Provém, igualmente, das analogias utilizadas por Clemente Romano para construir um referencial mais concreto do que seria o ideal de comportamento cristão. Os exemplos, analisados como recurso pedagógico, utilizado na *I Carta de Clemente Romano aos Coríntios*, dimensionam o legado que lhe cabe, um compilado de personagens que escreveram a história da educação cristã.

4.1. A formação por meio exemplo

A formação pelo exemplo está presente na história do cristianismo desde as suas origens. Os cristãos, no início, parecem não ter pretensões de elaborar uma teoria, mas uma regra prática de vida. Segundo Coelho (2016), desde as origens de sua história, o cidadão procurou revestir seus valores formativos de conteúdos práticos, não apelando para saberes abstratos e desprovidos de aplicabilidade imediata na realidade social a que estava inserido.

Os primeiros textos do cristianismo primitivo, a exemplo de Clemente Romano, procuraram manifestar os princípios que norteariam a conduta dos seguidores de Cristo. E Clemente, em particular, agiu de forma contundente, em sua escrita, ao apresentar os exemplos que escolheu enquanto prática formativa. Consideramos que, para essa decisão, o autor agiu conhecendo seus propósitos visto que as ações esperadas, posteriores a leitura da *I Carta*, deveriam reverberar em toda a comunidade cristã. Haveria, outrossim, de firmar as responsabilidades históricas provenientes do agir correto do homem cristão porque ele pretendia solucionar os problemas de uma comunidade conflitante. Para isso, Clemente Romano decide utilizar os exemplos positivos e negativos a fim de demarcar as condutas aceitáveis ao cristão e as reprováveis.

A utilização dessa prática de apresentação, já era vislumbrada na tradição cultural e filosófica romana, que enfatizou mais a dimensão prática formativa do que as contemplativas. O cidadão mencionado é o proveniente das tradições romanas que utilizavam dos exemplos para formação desde o período antes de Cristo. As dramaturgias eram empregadas em apresentações amplas, para divulgação do correto agir romano e em ensinamentos individuais.

Entre os gregos, é possível reconhecer, por exemplo, Homero. É atribuída ao poeta grego a exemplificação de homem descrita na *Ilíada* e na *Odisséia*. Nessas poesias Homero exemplifica o que se espera do homem grego. A *Ilíada*, a primeira epopeia, apresenta como exemplo positivo Aquiles. A personagem enfrenta obstáculos e mantém as honras - inclusive durante suas argumentações com Agamenon - do que Homero descreveu como um verdadeiro herói grego. Em contrapartida, o comportamento de Agamenon é tido como um exemplo negativo.

Outro exemplo, Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), esse filósofo, político e escritor destacado de Roma no alvorecer da era cristã, conquistou notoriedade na Antiguidade por suas ideias morais e por atribuir lugar primordial à dignidade do ser humano do seu tempo (PEREIRA MELO, 2005, p.80). A utilização da dramaturgia para formação de Nero, enquanto futuro governante, apresentou o exemplo positivo em oposição ao negativo.

O modelo de herói apresentado por Sêneca, em que pese o caráter retórico, põe à luz uma imagem humanizada, [...] Sêneca, em sua argumentação formativa, torna possível que, na perspectiva filosófica, seja reafirmado o seu ideal de *sapiens*, "sábio", como modelo teórico e objetivo a se buscar. [...] ele utilizou o teatro como meio formativo, como um claro procedimento destinado a influir educacionalmente sobre Nero, o que seria extensivo a determinado setor social mais sensibilizado para o artístico[...] (PEREIRA MELO, 2019, p.126).

Sendo assim, Clemente Romano utilizou os exemplos como recurso pedagógico de sua carta. Os exemplos positivos, as personagens e seus atos descritos no decorrer da *I Carta* são modelos que deveriam ser seguidos. Os exemplos negativos deveriam ser evitados, assim como as personagens de comportamentos oscilantes. O processo educacional é, nesse contexto, organizado com base em práticas culturais que expressam as tradições (COELHO, 2016, p.109). Essas práticas, quando exemplificadas por Clemente Romano na *I Carta*, propiciavam ao homem cristão a retomada de saberes que o permitiriam permanecer firme na fé e vivência cristã.

Caracterizamos como retomada pois, a comunidade de Corinto já recebera exortações de Paulo de Tarso, mas, se considerarmos cada fiel enquanto educando em educação cristã,

[...] era necessário que o educando revisse constantemente posicionamentos e convicções que porventura fossem assumidos como valores cristalizados. Isso mostra a ordenação interior que fundamentava o seu pensamento educacional (COELHO, 2016, p.111).

Clemente Romano, ao ser solicitado para intervir nos tumultos da comunidade, retomou os conceitos e personagens já conhecidos pelos coríntios. Dessa forma, além da exortação, valorizou a tradição cristã. Ao valorizar a tradição

cristã, Clemente Romano procurou resgatar na comunidade de Corinto o comportamento cristão adequado. Neste momento, cabe ressaltar que este enaltecimento é escrito como forma de educar e cessar o conflito existente e já descrito.

Os tumultos dos coríntios apresentaram a Clemente Romano uma possibilidade de reflexão sobre as mudanças ocorridas na comunidade e as transformações sofridas por meio das ações de desobediência. A carta é enfática e objetiva, mas, por meio da apresentação dos exemplos, o autor convidou os fiéis para a reflexão a respeito do caminho que a comunidade deveria escolher seguir.

Nesse sentido, o convite fica a cargo das escolhas das ações apresentadas: escolher o exemplo positivo e permanecer na fé ou repetir os erros e sofrer as consequências, apresentadas por meio dos exemplos negativos. O respeito aos princípios cristãos seria, portanto, a escolha correta, segundo Clemente Romano.

A comunidade apresentou resistência em ouvir os mais velhos. Nesse sentido, restabelecer o respeito ao saber antigo que fundou a igreja cristã é a principal justificativa para a exortação de Clemente Romano, em busca da retomada da respeitabilidade dos presbíteros, diáconos e anciãos de Corinto.

Quando Clemente deparou-se com a resistência às hierarquias, fez a intervenção como forma evitar a expansão dessa pequena rebeldia e apresentou sua insatisfação sobre essas discórdias, sem abertura para interpretações ambíguas: “Caríssimos, é vergonhoso, muito vergonhoso e indigno de conduta cristã ouvir-se dizer que a firme e antiga Igreja de Corinto, por causa de uma ou duas pessoas, está em revolta contra os seus presbíteros” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.38).

Ele retomou a importância da tradição fazendo lembrar que a antiga e célebre comunidade deve se atentar a comportamentos que agradem “quem os criou” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.21). Caso contrário, poderia sofrer, já que “a inveja e a discórdia arruinaram grandes cidades, e destruíram grandes nações” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.27).

Como caminho para solucionar o conflito, a comunidade foi exortada: “[...] arrependei-vos de vossa iniquidade [...] Prostremo-nos e convertamo-nos à sua piedade, abandonando a vaidade, a discórdia e a inveja, que levam para a morte”

(CLEMENTE ROMANO, 1995, p.29). Também foi instruída na possibilidade de arrependimentos pelas atitudes que desagradam.

Para isso, faz alusão a Noé - personagem conhecida na tradição cristã por receber e obedecer a tarefa de Deus para construir uma arca e abrigar animais antes da inundação da Terra - e a Jonas - conhecido na tradição cristã por desobedecer a Deus, sofre as consequências e enfrenta uma tempestade durante uma travessia de barco. Ao se arrepender, abandona a embarcação para salvar a tripulação e é engolido por uma baleia que o transporta até a cidade em que faria a vontade de Deus - apelando aos valores que eles representam:

Noé pregou o arrependimento, e os que o escutaram foram salvos. Jonas anunciou a catástrofe aos ninivitas, e estes se arrependeram de seus pecados; aplacaram a Deus com suas súplicas e obtiveram a salvação, embora fossem estrangeiros em relação a Deus [...] arrependei-vos de vossa iniquidade (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.28,29).

Ao citar o exemplo do arrependimento de Noé e Jonas, Clemente Romano evocou a possibilidade de redenção aos cristãos. Dessa forma, os exemplos fazem a alusão à ação esperada pelos cristãos que cometem pecados e, em específico, seria a primeira ação a ser executada pelos jovens dissidentes.

Esse é o caminho oferecido aos arrependidos e dispostos a manterem o coração puro, um caminho de dificuldades superadas pela fé. A confissão faz parte desse caminhar. Ao realizarem a confissão e arrependerem-se possuem a garantia de suporte durante as tribulações da vida pois, “o coração agradável é o coração arrependido verdadeiramente” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.40).

O modelo sugerido a ser seguido na pedagogia cristã primitiva é Cristo, mas, como os anciãos e presbíteros possuíam a bênção, deveriam ser respeitados e servirem como modelo tal qual o próprio Cristo:

Na construção da identidade do ser-cristão, além do conceito de amor, papel preponderante teve a imitação do exemplo de Cristo, modelo perfeito, nessa perspectiva, onde fé e esperança ganharam peso motivacional (SILVA, 2010, p.13).

Jesus Cristo figura como exemplo perfeito em toda a educação cristã. As descrições de seus atos e escolhas permeiam a *Carta* respaldando os diversos exemplos apresentados.

Dessa forma, a intencionalidade educativa de Clemente Romano, enquanto disseminador do cristianismo, é utilizar Jesus Cristo como exemplo a ser imitado. A obediência de Cristo é o foco de Clemente Romano ao citar a necessidade de respeito aos anciãos, especialmente por parte dos jovens:

Veneremos o Senhor Jesus Cristo, cujo sangue foi dado em nosso favor; respeitemos aqueles que nos guiam; honremos os anciãos; instruamos os jovens, ensinando-lhes o temor de Deus (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.28).

Relembrou que o próprio filho de Deus foi temente ao Pai, por isso, alertou para o fato de que a obediência de Cristo a Deus é o ponto chave para o convencimento dos fiéis a fim de que respeitassem os líderes mais velhos.

Clemente Romano, em sua carta, consolidou esse modelo de formação e remete novamente a tradição: traz à luz modelos como Abraão (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.22) - personagem da tradição cristã que aceitou o chamado de Deus, afastou-se de sua família para buscar Canaã, a terra prometida - Aarão (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.36) – personagem da tradição cristã enviada por Deus para encontrar seu irmão, Moisés, e auxiliar na libertação dos escravos do Egito - e Moisés (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.40) – personagem da tradição cristã conhecida pela peregrinação dos escravos egípcios até Canaã. Eles ilustram os exemplos positivos, além de reiterar a relevância do respeito e as recompensas que aguardam quem cumpre os deveres de sujeito cristão.

Outra dimensão importante da argumentação de Clemente Romano, diz respeito à pedagogia familiar cristã. Segundo Pereira Melo (2012), esse conceito apareceu pela primeira vez na carta clementina. Ao afirmar a necessidade de que, na família, os filhos devem participar, Clemente Romano pôs em discussão a *Christó Paideia*.

O conceito apareceu pela primeira vez, entre os cristãos, nessa carta de São Clemente Romano (PEREIRA MELO, 2001). Ao afirmar a necessidade de que “[...] participem nossos filhos de educação em Cristo” (Carta a los coríntios, XXI,8), ele pôs em tela a “Christó paideia” (PEREIRA MELO, 2012, p.193).

O exemplo para o cristão existe em todas as personagens descritas e devem, por extensão, serem imitados pelos adultos. Clemente Romano também os enxerga enquanto modelos para as crianças e jovens:

[...] instruamos os jovens, ensinando-lhes o temor de Deus; dirijamos nossas mulheres no reto caminho do bem. Que elas mostrem em si mesmas o amável hábito da castidade; que provem com doçura sua resolução sincera; que manifestem a moderação de sua língua, por meio de seu silêncio; que exerçam a caridade, não com parcialidade, mas na santidade e na equidade em relação a todos aqueles que temem a Deus (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.39 – 40).

Que nossos filhos participem da educação em Cristo; aprendam qual é o poder da humildade junto de Deus; qual o poder do amor casto junto dele; como o temor de Deus é belo, como é grande e como salva aqueles que vivem santamente nele, de coração puro! (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.40).

Assim, nos textos de Clemente Romano, como descritos acima, impõe-se a responsabilidade familiar na manutenção dos valores inspirados por Cristo e na condição de, sustentado por esse exemplo, expandir os ensinamentos por meio das exortações apostólicas.

O caminho para a cidadania celeste é, portanto, apresentado e está em comunhão com a igreja e com os demais cristãos. Dessa maneira, Clemente Romano agiu no sentido de elaborar um perfil de cristão, que se manifestou na sua pedagogia do exemplo. A superação dos obstáculos é apresentada ao reforçar os exemplos positivos e condenar os negativos.

4.2. A condenação dos exemplos negativos

Clemente Romano, no expediente que usou, enfatizou não apenas os exemplos que poderiam representar comportamentos que se assemelhassem a Cristo. Ele também indicou os negativos, na clara tentativa de mostrar o que deve ser evitado. Nesse sentido, Clemente Romano insiste no reconhecimento do pecado e, ao pecador, recomenda o arrependimento a fim de manter a comunidade

unida. Para isso, evocou Cristo como o modelo de bom exemplo e também indicou os maus exemplos, afirmando que, a esses, melhor seria não ter nascido:

Lembrai-vos das palavras de Jesus, o Senhor nosso. Com efeito, ele disse: “Ai desse homem! Melhor seria para ele não ter nascido, do que escandalizar um só dos meus eleitos! Melhor seria para ele que lhe fosse amarrada uma pedra de moinho e o atirassem ao fundo do mar, do que perverter um só dos meus eleitos!” Vossa divisão perverteu a muitos, desencorajou a muitos, fez com que muitos duvidassem, e nos entristeceu a todos. E vossas dissensões continuam! (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.38).

O bispo Clemente Romano, com autoridade eclesial, se posicionou firme e favorável aos ensinamentos do apóstolo Paulo de Tarso e esboçou uma verdadeira didática para a formação cristã. Essa didática estava, principalmente, destinada às crianças e jovens, contudo, era extensiva a todo o cristianismo.

No capítulo 39, verso 1, põe às claras a forma com que, os considerados pecadores, pelos cristãos: “os ignorantes, os insensatos, os loucos e os grosseiros” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23), são vistos por Clemente Romano e como deveriam ser tratados:

[...] A ira arruína o insensato e a inveja mata o transviado. Vi insensatos lançarem raízes, mas logo a sua vida foi devorada. Que seus filhos fiquem longe da salvação; sejam desprezados junto às portas dos mais pobres, e não haja ninguém para libertá-los. Os justos comerão o que estava preparado para esses tais, que não serão libertados de seus males (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.35).

De forma a acrescentar os exemplos positivos como opostos aos negativos, a mulher de Ló – personagem da tradição cristã conhecida por duvidar das ordens de Deus e ser transformada em uma estátua de sal - serve de reflexão. Clemente Romano, ao considerar a mulher de Ló, apresenta que dissidentes e duvidosos da fé estão nas comunidades cristãs.

Com efeito, a mulher de Ló, que tinha saído junto com ele, mas com outros sentimentos e não de acordo com ele, foi colocada como sinal: ela se tornou uma coluna de sal até hoje, a fim de que todos saibam que os dúplices de coração e que duvidam do poder de Deus tornam-se julgamento e sinal para todas as gerações (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.23).

O exemplo negativo da mulher de Ló vai ao encontro da necessidade da obediência, visto que, com a utilização da personagem, Clemente Romano demonstra as consequências do não cumprimento desse preceito.

Os tumultuosos servem de exemplo negativo para o restante da comunidade de Corinto. A decisão daquele pequeno grupo de jovens de romper a união e estremecer as bases da igreja de Corinto ao ponto de o próprio bispo de Roma redigir-lhes uma carta condenando tais comportamentos. Na redação, proposital para uma formação da consciência cristã, a comunidade de Corinto é ensinada a distinguir entre o certo e o errado por meio de exemplos.

Portanto, irmãos, sejamos humildes, depondo todos os sentimentos de jactância, de vaidade, de insensatez e de cólera, e pratiquemos o que está escrito. [...] Lembremo-nos, sobretudo, das palavras do Senhor Jesus, quando ele nos ensinava sobre a benevolência e a paciência. Assim dizia: "Sede misericordiosos, a fim de que sejais tratados com misericórdia; perdoai, para que vos seja perdoado; da mesma forma com que agirdes, também agirão convosco; da mesma forma como dais, assim também vos darão; do modo como julgais, assim também vos julgarão; do modo como tratais com bondade, assim também vos tratarão; a medida que usais é a mesma que usarão para convosco (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.24).

O conflito gerado deveria ser superado assim como as adversidades foram superadas por outras personagens já conhecidas dos cristãos. Para exemplificar, as figuras desfiladas são utilizadas não apenas pelos seus atos, mas, também para elucidar quais consequências sofreram.

Dessa forma, Clemente Romano chamou para a reflexão das ações do cristão que deve suportar os sofrimentos perante as adversidades permanecendo fiéis a Deus pois, isso é o que o Daniel, Ananias, Azarias Misael e Moisés fizeram. Observamos:

Eles suportaram gloriosamente esses sofrimentos. Que poderemos dizer disso, irmãos? Será que Daniel foi atirado na cova dos leões pelos que temiam a Deus? Será que Ananias, Azarias e Misael foram trancados numa fornalha ardente pelos que praticavam o culto elevado e glorioso do Altíssimo? Claro que não. Quais foram então os que praticaram tais atos? Pessoas detestáveis, cheias de todo tipo de maldade, tão enraivecidas no seu furor, que entregaram às torturas esses homens que serviam a Deus de maneira santa e irrepreensível! (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 37).

Nesse cenário, a exaltação dos sacrifícios em nome da fé realizados pelas personagens descritas, ilustram outro recurso pedagógico, além da apresentação dos exemplos, utilizado por Clemente Romano e citado por Leite (2012): “*Diátribes*’: (passatempo): [...] baseia-se em fazer perguntas com respostas óbvias, respondidas em seguida para que o leitor se sinta mais envolvido no assunto” (LEITE, 2012, p.61). No decorrer da redação, Clemente Romano questiona e, em seguida, responde suas questões. Dessa forma, durante a leitura da carta, os destinatários são convidados a responderem questões de respostas óbvias e, ao fazerem essa ação, sentem-se pertencentes a narrativa.

Moisés e o faraó também são apresentados como exemplo de sacrifício em nome da fé. Moisés sacrifica-se em nome de Deus e faraó sacrifica-se ao lutar contra Deus.

É melhor para o homem confessar suas faltas do que endurecer o coração, assim como se endureceu o coração dos que se revoltaram contra Moisés, o servidor de Deus. A condenação deles foi evidente, “pois desceram vivos para o Hades”, e “a morte os apascentará.” O faraó, seu exército e todos os chefes do Egito, com os carros e aqueles que os montavam, afundaram no mar Vermelho e pereceram (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.60).

A apresentação desses exemplos faz luz ao ato do sacrifício e demonstra que apenas doar-se não é o suficiente. É necessário ao cristão, portanto, ser consequente em suas escolhas que devem ser fundamentadas nos preceitos cristãos. A melhor opção apresentada aos conflituosos é baseada na benevolência: “É melhor estar em conflito com homens ignorantes, faltos de bom senso, soberbos e jactanciosos em seus arrogantes discursos, do que estar em conflito com Deus” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.39).

O bispo de Roma apresentou, ainda, outras figuras conhecidas, mas, dessa vez, promove a reflexão de suas ações. Expõe a escolha do cristão: ela deve priorizar a harmonia. Rememora que “[...] toda briga e divisão eram abomináveis para vós (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.25)” e cita, nesse momento, o que possivelmente considerou como estopim para os tumultos, a inveja:

[...] Daí surgiram ciúme e inveja, rixa e revolta, perseguição e desordem, guerra e cativo. Dessa forma, os sem honra se rebelaram contra os honrados, os obscuros contra os ilustres, os

insensatos contra os sensatos, os jovens contra os anciãos (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.25).

Segundo a compreensão de Clemente Romano, a raiz dos pecados da comunidade coríntia tem nome: inveja. A esse respeito, Leite (2012), a identificou como *zēlos*. Leite (2012), ao registrar algumas das figuras retóricas utilizadas por Clemente Romano, apontou que uma delas é a “anáfora”: ‘repetição exagerada da mesma palavra como no caso do capítulo 4, 8-13 onde aparece seis vezes a palavra *zēlos* – 16 vezes entre 4 e 6. Assim, ao reproduzir tantas vezes esse termo, Clemente Romano identifica e deixa à vista da comunidade o que deve ser combatido de imediato.

Para identificar comportamentos desajustados, Clemente usou de personagens para associar os comportamentos daqueles rixosos. Céfas e Apolo são identificados como aqueles que promovem divisões. Ligou-os à rixa e à revolta, à perseguição e à desordem, à guerra e ao cativo e, especialmente, ao ciúme e à inveja:

Céfas e Apolo – Na verdade, divinamente inspirado, ele enviou a carta para vós a respeito dele mesmo, de Céfas e de Apolo, porque já se formavam divisões entre vós (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 38)

Eles são, por isso, empregados para lembrar que não era a primeira vez que a comunidade vivenciava as divisões internas. Dessa forma, ele trouxe à luz Céfas e Apolo, que não deveriam ter seus comportamentos esquecidos, mas, serviam de exemplo para evitar a repetição da rixa entre os fiéis.

Outro exemplo usado por Clemente é o de Caim e Abel. Eles são usados para enfatizar o ciúme e a inveja, que poderiam causar dissidências. Foram elas, no entendimento do bispo, que resultaram no deposto dos presbíteros e poderiam também acarretar a perda permanente de membros da comunidade: Caim/ Abel – “[...] Estais vendo, irmãos, que o ciúme e a inveja produziram o fratricídio” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.26).

Ao rememorar a trágica situação ocorrida entre Caim e Abel, Clemente Romano retoma as consequências dos atos executados sem o pensamento cristão da união. A individualidade prejudica o bem-viver da comunidade e, em situação de

reincidência, a comunidade precisaria lidar com as consequências, dentre essas consequências, poderia estar o fratricídio¹⁷.

Clemente Romano evoca a inveja, também, entre Esaú e seu irmão, pai de Jacó: Pai de Jacó – “[...] Por causa da inveja, nosso pai Jacó fugiu da presença do seu irmão Esaú” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.26). A reincidência da ideia da inveja entre irmãos está intrínseca à necessidade de união dos cristãos, em especial os da comunidade de Corinto. O tumulto da comunidade rompeu a harmonia entre os irmãos - os cristãos da comunidade - em um cenário de perseguição que demandava a ação oposta.

As consequências decorridas do pecaminoso ato de invejar são pontuadas, didaticamente, por meio do recurso pedagógico da apresentação dos exemplos. Dessa forma, apresenta as consequências sofridas por José – personagem da tradição cristã conhecida por ser o filho preferido de Jacó e ser lançado em um poço de escravos por seus irmãos – “A inveja provocou a perseguição contra José até à morte, levando-o até a escravidão” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.26). Trouxe à luz os atos e os resultados das escolhas feitas como forma de apresentar o cenário completo das atitudes descritas.

Em um contexto de perseguição, como a desencadeada por Domiciano, datada da mesma época da redação da *I Carta*, Clemente Romano buscou Davi – personagem da tradição cristã conhecida por receber a promessa de ser rei e acaba sendo perseguido pelo rei no poder - “Por inveja, Davi não só ficou com ódio dos estrangeiros, mas também foi perseguido por Saul, rei de Israel” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.26 – 27). Sendo assim, a inveja é tratada a partir de personagens que nutriram esse pecado e foram obrigadas a conviver com as consequências dela.

O pecado foi associado às figuras abastadas e líderes daquele momento. Para exemplificar isso, Clemente Romano mencionou o faraó do Egito, apresentando-o como dissidente, junto de seu exército. Eles sofreram as consequências de não respeitar os sinais e avisos de Deus:

¹⁷ Fratricídio: 1 Crime de quem mata irmã ou irmão. 2 Guerra entre povos da mesma raça ou do mesmo sangue. (MICHAELIS, 2021)

Faraó - O faraó, seu exército e todos os chefes do Egito, com os carros e aqueles que os montavam, afundaram no mar Vermelho e pereceram. Seus corações insensatos se endureceram, depois dos sinais e prodígios que Moisés, o servidor de Deus, tinha realizado no Egito (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.40).

A I Carta de Clemente Romano, repleta de evidentes exemplos negativos, apresenta diferentes panoramas onde ocorrem o pecado, apresentando assim, várias formas de evitá-lo, assim como justifica porquê isso deve ser feito.

Com isso, Clemente Romano reafirma sua metodologia e a julga como suficiente para o restabelecimento da harmonia da comunidade:

Irmãos, nós vos escrevemos suficientemente sobre as coisas que convêm à nossa religião e que são úteis à vida virtuosa para os que desejam dirigir a sua vida conforme a piedade e a justiça. Tocamos todos os pontos que se referem à fé, penitência, verdadeiro amor, continência, sabedoria e perseverança. Nós vos lembramos que é preciso agradar ao Deus todo-poderoso, mediante vida santa, na justiça, verdade e paciência, praticando a concórdia e esquecendo os rancores, no amor e na paz, perseverando na benevolência, imitando os nossos pais, dos quais já falamos acima: eles são agradáveis por causa de sua humildade para com Deus, o Pai Criador, e para com todos os homens (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 69).

Parece claro que Clemente Romano, com a leitura da carta destinada à comunidade de Corinto, esperava a readequação de comportamentos, vivências e pensamento condizentes com o viver cristão. Entretanto, é duvidoso que uma carta, por si só, seja capaz de solucionar as disputas existentes e as contradições que envolviam os diversos setores sociais.

O esforço de Clemente, entretanto, ultrapassou os limites comunitários da cidade que procurou intervir. A proposta evangélica dele tomou proporções tais que se revela para toda a comunidade cristã primitiva. Para além dos aspectos religiosos, ela oferece um perfil de homem e mulher em construção e seu conteúdo pedagógico, como se afirma atualmente, pode ser reconhecido nos exemplos positivos que elaborou. Eles são os contrapontos às condutas que ele considerou negativas, com o propósito de manutenção da unidade da igreja de Corinto.

4.3. A exortação de exemplos positivos

Clemente Romano esmerou-se em apresentar comportamentos que ele entendia como adequados e compatíveis com os valores cristãos. Ele entendia que as desavenças eram possibilitadas pela ausência de clareza quanto aos princípios cristãos e, por isso, elaborou diretrizes fundamentais para resolver ou evitar uma situação conflituosa. Elas deveriam ser públicas, isto é, de conhecimento de todos.

A clareza do texto revela a sua finalidade: tem um conteúdo essencialmente exortativo e instrutivo. Por esse motivo, ele reforçou os exemplos positivos, apresentados em grande número, mas, podem ser resumidos na busca de identificar Cristo como modelo perfeito a ser imitado:

Caríssimos, este é o caminho no qual encontramos a nossa salvação: Jesus Cristo, o sumo sacerdote de nossas ofertas, o protetor e o auxílio da nossa fraqueza. Por meio dele, fixamos nosso olhar nas alturas dos céus; por meio dele, contemplamos, como em espelho, sua face imaculada e incomparável; por meio dele, abriram-se os olhos do nosso coração; mediante ele, nossa mente obtusa e obscura refloresce para a luz; mediante ele, o Senhor quis fazer-nos experimentar o conhecimento imortal (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.33).

Tão importante quanto viver bem em comunidade era garantir que a comunidade permanecesse em harmonia. Cada qual possuía a responsabilidade de viver em união e garantir a união.

Por isso, a justiça e a paz se afastaram para longe, porque cada um abandonou o temor de Deus e deixou que se obscurecesse sua fé nele. Porque não se anda mais segundo as diretrizes dos seus preceitos, nem se comporta mais de maneira digna de Cristo. Ao contrário, cada um anda segundo as paixões do seu mau coração, tomado pela inveja injusta e ímpia, através da qual, também agora, “a morte entrou no mundo” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.20).

Como forma de exemplificar a união elucidada na redação da carta, Clemente Romano considerou o exército romano, seguidor fiel da ordem e da união:

Irmãos, militemos com toda nossa prontidão sob as ordens irrepreensíveis dele. Consideremos os soldados que servem sob as ordens de nossos governantes: com que disciplina, docilidade e submissão eles executam as funções que lhes são designadas! Nem todos são comandantes, nem chefes de mil, nem chefes de cem, nem chefes de cinquenta, e assim por diante. Cada um, porém, no seu próprio posto, executa aquilo que lhe é prescrito pelo rei e pelos governantes (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.34).

Além de levantar a reflexão sobre a obediente permanência na fé, Clemente Romano convidou a todos para o viver em Cristo. Ele compreendia que essa seria uma forma de impedir conflitos e, especialmente, tumultos. Considerando o autor como admirador do exército romano, o ato de obedecer aos líderes, é ponto chave para evitar os tumultos. Então, para entendimento dessa união, Clemente Romano reinterpreta a figura de Jesus Cristo como mediador entre Deus e os homens:

O amor não divide, o amor não provoca revolta, o amor realiza tudo na concórdia. No amor, tornam-se perfeitos os eleitos de Deus; sem o amor nada é agradável a Deus. É no amor que o Senhor nos atraiu a si. É por causa de seu amor para conosco, que Jesus Cristo nosso Senhor, conforme a vontade de Deus, deu o seu sangue por nós, sua carne pela nossa carne, e sua vida por nossa vida [...] Essa bem-aventurança é para os que Deus escolheu por meio de Jesus Cristo nosso Senhor (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.59).

Clemente Romano traz à vista dos causadores do conflito, a imagem de Jesus Cristo como o exemplo perfeito a ser seguido. A *I Carta* contempla os modelos do Antigo e Novo Testamento, mas, apresenta sobretudo a figura de Jesus. A comunidade, anteriormente exortada por Paulo de Tarso, já admirava e exaltava a figura de Cristo então, Clemente Romano retificou as ações e rememorou a necessidade de o cristão estar, a cada pensamento, em busca de assemelhar-se a Jesus Cristo.

Jesus Cristo é citado não apenas em sua vida terrena, mas, sobretudo, como ressuscitado:

Éreis todos humildes e sem vanglória, procurando mais obedecer do que mandar, mais felizes em dar do que em receber. Vós vos contentáveis com as provisões de viagem fornecidas por Cristo, guardáveis zelosamente as palavras dele no fundo de vossas entranhas, e os sofrimentos dele estavam diante dos vossos olhos (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.24).

Observamos que, dentre os exemplos positivos exaltados por Clemente Romano, Jesus Cristo é apresentado como quem une as melhores exemplificações das ações aos homens da fé. Com a finalidade de convencimento do principal modelo descrito em sua carta, o autor apresenta Deus enquanto ordenador de toda a criação. Convida os coríntios a participarem da concórdia para poderem usufruir da boa nova, segundo “o Pai e o Criador de todo o universo” (CLEMENTE ROMANO, 1965, p.27) agem:

Os céus, que se movem por sua disposição, lhe obedecem harmoniosamente. O dia e a noite realizam o curso que ele estabeleceu, sem tropeçar um no outro. O sol, a lua e os coros dos astros giram harmoniosamente conforme sua ordem e, sem nenhuma transgressão, dentro dos limites que ele determinou. [...] De fato, ele espalha seus benefícios sobre toda a criação, mas a nós ele os prodigaliza superabundantemente, quando recorremos à sua misericórdia por meio de nosso Senhor Jesus Cristo [...] (CLEMENTE ROMANO, 1965, p.27-28).

Além do mais, Clemente Romano apresentou as figuras do apostolado, citando os apóstolos enquanto grupo e não apenas as personalidades singulares, a exemplo de Pedro e Paulo de Tarso. Procurou enfatizar um espírito coletivo dos Apóstolos, como exemplos vivos das lições proferidas por Jesus:

Os apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo o Evangelho que nos pregaram. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus, e os apóstolos vêm de Cristo. As duas coisas, em ordem, provêm, da vontade de Deus. Eles receberam instruções e, repletos de certeza, por causa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, fortificados pela palavra de Deus e com a plena certeza dada pelo Espírito Santo, saíram anunciando que o Reino de Deus estava para chegar (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.36).

Para convencer os destinatários da carta, chamou a atenção para seguir os ensinamentos tais como foram expressos. Essa recomendação, ao que tudo indica, era para evitar possíveis dúvidas quanto à recompensa celeste prometida aos fiéis:

Somos felizes, caríssimos, se praticamos os mandamentos de Deus na concórdia e no amor, a fim de que, pelo amor, nossos pecados sejam perdoados. Pois está escrito: “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos. Feliz o homem, do qual o Senhor não considera o pecado e em cuja boca não existe engano.” Essa bem-aventurança é para os que Deus escolheu por meio de Jesus Cristo nosso Senhor. A ele, a glória

pelos séculos dos séculos. Amém (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.39).

Para se fazer entender, Clemente utilizou a metáfora do corpo humano para simbolizar a formação e a necessidade da união da comunidade em Cristo e com os demais (outras comunidades e a instituição da igreja). Clemente Romano ensinou o fato de que cada pessoa é apresentada como parte do corpo de Cristo e, portanto, como parte essencial para a manutenção da igreja e da comunidade.

Para que haver brigas, ódios, disputas, divisões e guerras entre vós? Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo? Por que esquartejamos e rasgamos os membros de Cristo? Por que nos revoltamos contra o nosso próprio corpo, chegando a tal ponto de loucura? Esquecemo-nos de que somos membros uns dos outros? Lembrai-vos das palavras de Jesus, o Senhor nosso (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.38)

Ainda elucidando a necessária união que os coríntios precisariam restabelecer para a vida em comunidade e utilizando Cristo, exemplo perfeito, Clemente Romano apresentou a necessária função que cada cristão precisa exercer para manter a comunidade firme: era necessário que cada membro assumisse seu importante papel na construção do corpo de Cristo.

Tomemos o nosso corpo: a cabeça não é nada sem os pés, nem os pés sem a cabeça; os menores membros do nosso corpo são necessários e úteis ao corpo inteiro, mas todos convivem e têm subordinação mútua para a saúde do corpo inteiro. Conservemos, portanto, todo nosso corpo em Cristo Jesus, e cada um seja submisso a seu próximo, conforme o dom que lhe foi conferido (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.50)

Para essa metáfora, Clemente Romano utilizou-se do que cada cristão possui de mais próximo: seu próprio corpo. Com isso, aproximou Cristo da existência individual, estabeleceu o vínculo humano que, inicialmente, apenas os apóstolos usufruíram. Além disso, apresentou a justificativa de permanência na fé e na organização da fé, sendo esta, nesse momento, alusiva a organização social interna da comunidade de Corinto. Clemente Romano demandou a união da

comunidade baseado na ideia de que cada membro do corpo cristão é importante em Cristo.

Cristo é, portanto, o principal exemplo positivo de homem para a comunidade de Corinto. Apóstolos Pedro e Paulo, considerados imitadores de Cristo em virtude da plena dedicação a divulgação da boa nova, aparecem no capítulo 5, suas vivências são tidas como exemplos de fé e perseverança

Consideremos os bons apóstolos. Pedro, pela inveja injusta, suportou, não uma ou duas, mas muitas fadigas e, depois de ter prestado testemunho, foram para o lugar glorioso que lhe era devido. Por causa da inveja e da discórdia, Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama de sua fé. Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e alcançado os limites do Ocidente, ele deu testemunho diante das autoridades, deixou o mundo e se foi para o lugar santo, tornando-se o maior modelo de perseverança (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.21).

Os convertidos que resistiram aos sofrimentos, também são apresentados como bons exemplos para a comunidade. No capítulo 6, Clemente rejeita a inveja e a discórdia:

A esses homens, que viveram santamente, ajuntou-se imensa multidão de eleitos que, devido à inveja, sofreram muitos ultrajes e torturas, e se tornaram entre nós belíssimo exemplo. Por causa da inveja, mulheres foram perseguidas. [...] Foi a inveja que afastou as mulheres de seus maridos e alterou a palavra do nosso pai Adão: "Eis o osso dos meus ossos e a carne da minha carne." A inveja e a discórdia arruinaram grandes cidades, e destruíram grandes nações (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.21).

Como forma de apresentar o que se espera de uma comunidade cristã orgulhosa de seus atos, os exemplos abordados buscam inspirar. Por isso, são usados como recursos de inspiração para boas ações que, por meio de seus feitos, transformam a realidade e apresentam, acima de tudo, a fé como princípio fundamental. Ele cita algumas das boas ações que os cristãos devem praticar, entre as quais a hospedagem, tão cara ao cristão.

A reflexão promovida por Clemente Romano é coletiva. Como cristão em comunidade, Clemente Romano busca a retomada do bem-estar comunitário por

meio das ações individuais. Para isso, apresenta suas preces de rápida retomada da paz, envoltas nos exemplares da *I Carta*, mas, principalmente, esclarece o que espera da reação da comunidade:

Caríssimos, aceitemos a correção, contra a qual ninguém deverá indignar-se. A advertência que fazemos mutuamente é boa e extremamente útil, pois ela nos une à vontade de Deus (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.62).

Clemente Romano apresenta, com essa passagem, que a advertência, necessária para a comunidade, deve ser acolhida e compreendida como correções feitas entre iguais. Ao mencionar que o aviso é feito mutuamente, apresenta-se enquanto membro da comunidade.

Essa reflexão é promovida no sentido de que a união entre os cristãos de diferentes comunidades nada mais é do que irmãos que residem, temporariamente, em locais diferentes. Se permanecerem tementes a Deus, se encontrarão no reino dos céus.

Mencionou ainda que o aviso é útil por unir a todos, de acordo com a vontade Deus. Nesse sentido, apresenta Deus como misericordioso e capaz de uma santificada correção para a comunidade, além de perdoar as dissidências ocorridas, desde que a comunidade se submeta à devida disciplina:

[...] o Senhor protege aqueles que ele corrige. Como bom pai, ele nos corrige, tendo misericórdia de nós com a sua santa correção. Vós que lançastes os fundamentos da revolta, submetei-vos aos presbíteros e deixai-vos corrigir com arrependimento, dobrando os joelhos de vosso coração (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 63).

Os exemplos positivos comprovaram para a comunidade cristã de Corinto que a harmonia, disciplina e fé são predecessores do reino dos céus e podem se apresentar nos feitos preocupados com o bem viver social. Elegeu os modelos que deveriam inspirar os cristãos, entre os quais, Moisés, Henoc, Noé, Abraão, Ló, Raab, Davi, Aarão, Elias, Eliseu e Ezequiel.

Para ele, Moisés é o exemplo de fidelidade e Henoc é levado ao céu por sua obediência. Noé foi confiado para a construção da arca da salvação dos seres vivos e selou uma aliança com Deus por sua fidelidade. Abraão, sem hesitação, abandonou suas terras e família em nome de Deus, foi obediente e fiel. Ló, por sua

hospitalidade e piedade, foi salvo de Sodoma. A fé e a hospitalidade salvaram Raab, que ofertou abrigo aos filhos de Nave ao escondê-los dos guardas e protegê-los da morte certa, caso fossem capturados. Davi, após reconhecer sua pequenez perante os poderes divinos, é agraciado com o reconhecimento de Deus. A fé inabalável fez de Aarão sacerdote das tribos de Israel. Profetas anunciadores das obras de Cristo, Elias, Eliseu e Ezequiel eram pastores e o trabalho não os impediu de profetizar e divulgar a primeira vinda de Cristo.

Observamos “Tomemos Henoc, que foi encontrado justo, por causa de sua obediência (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.30)” e a exaltação da obediência. Com o tumulto e a retirada dos presbíteros de seus postos, a comunidade de Corinto desobedeceu a ordem estabelecida. Por consequência, desobedeceram a vontade do próprio Deus e esse comportamento não poderia repetir-se.

Clemente Romano apresentou Henoc – personagem da tradição cristã conhecida por ser poupada da morte devido a sua obediência e fidelidade - obediente e compassivo “arrebatado, sem que se encontrasse traço algum de sua morte” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.30), por sua obediência, fez-se digno de ser levado ao céu de corpo e alma. Ao apresentar essa personagem o autor designou, aos membros da comunidade, que a obediência é valorizada por Deus, então, é o comportamento adequado, segundo o entendimento clementino, para a manutenção do viver em uma comunidade de fé.

Elucidando a necessidade de manutenção da fé, Clemente Romano apresentou ainda que “Noé foi encontrado fiel [...] (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.30)” e procurou, com a exemplificação, trazer à tona que a fidelidade para com as determinações divinas salvou os seres vivos e deve, portanto, ser mantida. Ao ser fiel, Noé conquistou a confiança de Deus para a anunciação do “novo nascimento para o mundo” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.30) e marcou a história da fé com a atitude, também fiel, de todos os que entraram na arca.

A figura de Abraão apresentou a disciplina e obediência necessárias para alguém que professa a fé. O autor descreve as decisões difíceis que Abraão tomou de forma obediente à Deus. Clemente Romano nos mostra:

Abraão, que foi chamado amigo, foi encontrado fiel em sua obediência às palavras de Deus [...] acreditou em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Por causa da fé e hospitalidade lhe foi dado um filho na sua velhice e, por obediência, ele o ofereceu a

Deus em sacrifício sobre uma das montanhas que Deus lhe indicou (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.30 - 31).

Acreditar em Deus torna-se, nesse exemplo, uma ação única e desafiadora. Clemente Romano trouxe para a reflexão as dificuldades individuais de cada fiel ao apresentar as provações sofridas por Abraão que recebeu um filho na velhice e o ofertou em sacrifício sem hesitar. Pela obediência e firme temor a Deus, Abraão pode estar com seu filho e o sacrifício não foi executado mas, Clemente Romano não menciona esse fato. O exemplo de Abraão, apresentado pelo autor, é finalizado sem a menção de que o filho foi poupado, dessa forma, a disciplina, a obediência e o temor a Deus são protagonistas deste exemplo. A misericórdia divina não encontra espaço nesse exemplo positivo.

A hospitalidade mencionada em Abraão toma parte também em Ló – personagem da tradição cristã conhecida por não cometer os pecados cotidianos de sua cidade, Sodoma - e Raab – personagem da tradição cristã conhecida por auxiliar na jornada dos enviados de Moisés a Canaã. Ao considerarmos a vivência entre as comunidades, apresentadas pelos apóstolos que as visitavam como Paulo de Tarso, as visitas ocorriam a fim de acompanhar a construção das comunidades cristãs. A recepção dos enviados ficava a cargo dos fiéis que, nessa situação específica, viviam o agir cristão, solícito e doador, em plenitude.

Clemente Romano nos mostra Ló: “Por causa da hospitalidade e da piedade, Ló foi salvo de Sodoma, [...]” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.31). A ação hospitaleira salvou Ló da destruição da cidade de Sodoma. Com esse exemplo, Clemente Romano apresentou que todos os sacrifícios feitos em nome de Deus possuem reconhecimento.

Raab também figura por suas ações, aparentemente, simples, mas, repletas de fé: “Por causa da fé e da hospitalidade, a meretriz Raab foi salva [...] Vede, caríssimos, que nessa mulher havia não só a fé, mas também a profecia” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 31-32). Clemente Romano nos convida a observar as ações individuais de cada exemplo apresentado, buscando com Raab demonstrar que mesmo a pecadora meretriz conquistou a misericórdia divina por meio de suas escolhas baseadas na fé e em pequenas ações.

Como forma de refletir sobre os exemplos positivos, Clemente Romano sugeriu que a comunidade fosse imitadora: “Sejamos imitadores dos que

caminhavam em pele de cabra e de ovelha, anunciando a vinda de Cristo. Referimo-nos a Elias e Eliseu, e também a Ezequiel e os profetas, [...]” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p. 36). Sacrifícios, provações e ações simples foram apresentados mas, a opção de imitação também é válida. Com isso, Clemente Romano evidencia que os destinatários agiram erroneamente por escolha, visto que poderiam ter escolhido agir sob o viés de quem já recebeu aprovação de Deus.

Aos dignos da misericórdia divina, aos que agiram certo, aos que não tomaram parte no tumulto da comunidade de Corinto, Clemente Romano esperou humildade. Para exemplificar isso, apresentou Moisés: “Moisés foi chamado “fiel em toda a sua casa”, e foi o servidor por meio do qual Deus castigou os egípcios com as pragas e flagelos que sofreram. E, no entanto, não obstante toda a sua glória, não se vangloriou soberbamente” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.36).

Moisés foi temente a Deus e agiu conforme foi instruído mas, não perdeu sua humildade perante a comunidade ao receber o reconhecimento sobre suas atitudes. Tal exemplo apresentou as reflexões que Clemente Romano esperava da comunidade após a solução das dissidências. Evocou a necessidade da modéstia e da obediência para que Corinto cesse as dissidências e fundamente sua consolidação em preceitos adequados a fé. Nesse sentido, o autor nos mostrou o que esperava:

Assim, a humildade e a modéstia, vividas pela obediência desses homens sobre os quais Deus testemunhou, tornou melhores não somente a nós, mas também às gerações que nos precederam, àqueles que acolheram suas palavras no temor e na verdade (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.56).

Para exemplificar a ânsia na organização da comunidade de fé, Clemente Romano utiliza-se de Ester – personagem da tradição cristã conhecida por ser rainha e obediente a Deus - considerada perfeita em sua fé, para expor o ímpeto com que a comunidade deveria se portar:

Não foi a perigo menor que se expôs Ester, perfeita na fé, para salvar as doze tribos de Israel, que estavam a ponto de perecer. No jejum e na humilhação, ela implorou ao Senhor que tudo vê, o Deus dos séculos. E ele, vendo a humildade dessa alma, libertou o povo, em favor do qual ela havia enfrentado o perigo (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.62).

Os exemplos por si só não bastam para o restabelecimento da ordem em Corinto, era necessário que, assim como Ester, os membros da comunidade se dedicassem para isso. A reflexão promovida dita comportamentos humildes, sacrifícios, oração em busca do reconhecimento divino.

Reconhecendo as dificuldades em se viver coletivamente em meio a uma sociedade que caminhava para priorizar conquistas individuais, Clemente Romano exemplificou a importância da coragem:

A bem-aventurada Judite, no cerco de sua cidade, pediu aos anciãos permissão para sair e se dirigir ao acampamento dos estrangeiros. Ela, portanto, enfrentou o perigo. Saiu da cidade por amor à pátria e ao povo que estava cercado (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.62).

O enfrentamento dos obstáculos exemplificado por Judite – na tradição cristã como uma das esposas de Esaú - em favor do espírito coletivo, demonstrava que a adversidade é apenas parte do caminho que a comunidade de Corinto enfrentaria. Para conquistar a cidadania celeste os cristãos, antes, devem promover a união e, por isso, ele espera ações construtivas da comunidade: “Irmãos, sede cheios de imitação e zelo no que se refere à salvação” (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.55). Para a salvação almejada e após o desfile dos diversos exemplos, o autor da *Carta* certifica-se em esclarecer o que esperava da comunidade:

Convém que nós, com tantos e tantos exemplos, curvemos a fronte e ocupemos o lugar que nos cabe pela obediência. Desistamos da vã revolta, para alcançarmos irrepreensivelmente o escopo que nos é proposto na verdade (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.69).

A disciplina cristã é a alternativa apresentada pelo bispo de Roma para resolução do tumulto em Corinto. A disciplina evocada pelo autor é o respeito às vontades de Deus e isso perpassa o respeito aos presbíteros empossados. A comunidade recebeu ainda o aviso de que o momento para a solução da dissidência é imediato ao longo da *Carta* mas, em especial, porque Clemente Romano aguardava boas novas sobre a comunidade:

Devolvei-nos logo, na paz e na alegria, os nossos enviados Cláudio Efebo e Valério Biton, junto com Fortunato, a fim de que eles nos anunciem quanto antes a paz e a concórdia queridas e almejadas,

e assim que também nós nos alegremos o mais depressa possível com a vossa serenidade (CLEMENTE ROMANO, 1995, p.70).

A exaltação dos exemplos positivos é apresentada como sugestão do caminho a ser adotado. Clemente Romano apresentou as situações e as devidas decisões a serem escolhidas pelos membros da vida cristã. Quando comparados aos exemplos negativos, podemos observar que a exortação é feita sem abertura para ambiguidades. Nada além de obediência, benevolência e disciplina são requisitados para corrigir e orientar os atos que constroem o bem coletivo. Amparados pela crença no poder divino, ele acredita que esses princípios são fundamentais para manter a vida em comunidade. Os valores indicados, portanto, são os que devem compor o perfil de homem cristão, pretendido por Clemente Romano.

Nada além de obediência, benevolência, disciplina em seus atos para o bem coletivo, crente no poder divino e que mantinha a vida em comunidade compunha o homem cristão pretendido por Clemente Romano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo analisou a *I Carta* de Clemente Romano aos Coríntios sob o foco dos exemplos apresentados pelo autor ao longo da redação da extensa carta endereçada aos cristãos da comunidade localizada em Corinto, cidade portuária, capital da província romana de Acaia.

A carta tem como remetente o bispo de Roma, daquele momento, Clemente Romano. O autor nos apresentou no decorrer de sua redação aproximadamente quarenta exemplos de ações julgadas entre positivas ou negativas pelo autor. Os exemplos foram analisados sob a metodologia de apresentação das análises obtidas durante a pesquisa sobre o documento clementino.

Os exemplos negativos, condenados por Clemente Romano, elucidaram algumas das atitudes ocorridas entre os coríntios. A inveja, principal pecado condenado, acarretou o desposto dos presbíteros e escancarou a desobediência dos tumultuosos contra as vontades de Deus.

Esses exemplos negativos foram descritos acompanhados de suas consequências e buscaram resgatar não apenas a disciplina da comunidade, como também solucionar as questões que ferem o correto agir cristão. A desobediência e a desunião foram condenadas, com objetividade, para lembrar que tais ações são patamares contrários aos ensinamentos cristãos.

Entre os exemplos positivos, Clemente Romano elencou a relevância do papel obediente, doador, benevolente e humilde que as figuras descritas apresentaram. Esses exemplos são os exemplos sugeridos para imitação. Dessa forma, além de Jesus Cristo, os fiéis foram exortados a imitar também as atitudes das figuras que haviam conquistado o reconhecimento de Deus.

As análises buscaram responder sobre *qual a resposta formativa oferecida por Clemente Romano para os problemas enfrentados pela comunidade de Corinto no que dizem respeito, especialmente, aos desvios de comportamento e práticas cristãs*. Com a pesquisa, consideramos que a resposta formativa ofertada por Clemente Romano é a imitação dos exemplos positivos em busca da aprovação divina e o bem-estar da comunidade e, de forma simultânea, a condenação dos

exemplos negativos. Dentre os exemplos, observamos que Clemente Romano estabeleceu um contraponto entre o que é bem visto aos olhos de Deus e o que é condenado.

Concluimos que o autor, de forma didática, apresentou as figuras da tradição cristã e as atitudes que escolheram realizar; apresentou, em seguida, as consequências sofridas pelos atos condenados – no caso de exemplificações negativas – ou apresentou os reconhecimentos de Deus – no caso de exemplificações positivas – além de estabelecer entre os exemplos positivos e negativos quais as próximas ações deveriam ser executadas pelos membros da comunidade: as ações inspiradas nos exemplos positivos e em Jesus Cristo.

A redação de Clemente Romano, ao desfilas as figuras que representaram o esperado agir cristão com temor a Deus, buscou convencimento da comunidade. O tumulto ocorrido em Corinto empenhou o então bispo de Roma a retomar na célebre comunidade a ordem, o respeito e a harmonia cristã. Para isso, a exortação não se limitou a figura de Cristo, modelo perfeito de imitação.

O autor da *I Carta* utilizou-se de figuras terrenas, próximas aos membros; rememorou profetas, figuras e passagens do Antigo Testamento; apresentou Jesus Cristo como consolidador do uno corpo cristão; além de descrever os resultados das ações incorretas. O convencimento da comunidade foi exortado como solução única, inadiável e sem necessidade de reforços posteriores.

Clemente Romano, ao redigir a extensa *I Carta* certifica-se de que a leitura repleta de argumentações retóricas era o suficiente para cessar o conflito, assegurar o bem estar da comunidade e evitar que situações semelhantes voltassem a acontecer.

Observamos ainda que o autor designa aos fiéis quais exemplos imitar, além de Jesus Cristo, e quais exemplos condenar veementemente. Nessa ação, Clemente Romano convoca toda a comunidade a contribuir na manutenção da obediência, no respeito aos empossados líderes e no resgate da união da comunidade.

Ao analisar a formação pelo exemplo, proposta por Clemente Romano, identificamos a elaboração de uma sugestão formativa para o indivíduo cristão de Corinto. A comunidade já havia recebido orientações de Paulo de Tarso e, nesse

sentido, Clemente Romano usufruiu da oportunidade de exortar à uma comunidade ciente dos preceitos cristãos.

Rememorar os ensinamentos, portanto, apresentou-se a alternativa viável para restabelecimento da ordem e a sugestão formativa, adotada por Clemente Romano, foram os exemplos conhecidos da comunidade, já instruída, mas esquecidos pelos jovens desobedientes. Ao redigir uma carta a toda a comunidade, entendemos que Clemente Romano não responsabiliza apenas os dissidentes, mas, também a ação dos pequenos atos, realizados individualmente, que prejudicam a harmonia da comunidade. Nesse cenário, a inveja e desobediência devem ser combatidas por cada um a fim de estabelecer uma ordem inabalável.

Elencamos, então, que a formação pelo exemplo na *I Carta* de Clemente Romano, analisada como proposta educativa aos coríntios ocorreu por meio da identificação das atitudes de desobediência e inveja ocorridas; essas ações foram condenadas apresentando-se os exemplos negativos de atitudes similares, promovidas por figuras conhecidas, e as consequências sofridas com essas ações.

Os exemplos positivos foram exortados com a finalidade de reprodução das atitudes descritas sobre figuras, também conhecidas, que por permanecerem firmes na fé, obediência e humildade, puderam servir de exemplo junto do maior modelo a ser imitado, Jesus Cristo.

A relevância da obra é a essencialidade dos exemplos positivos e negativos presentes na carta, para a efetiva formação dos cristãos da comunidade de Corinto. Esses exemplos são sua principal ferramenta educacional porque demarcou o que deve ser evitado e o que deve ser imitado. Portanto, a formação pelo exemplo proposta pela pedagogia clementina é uma das mais amplas e completas do primeiro século e, por isso, é reconhecida pela tradição cristã até os dias atuais.

Consideramos ainda que a representação dos exemplos positivos e negativos é uma estratégia pautada na concretude da vida. Para aquele momento histórico, descrever e apresentar as ações positivas correspondentes ao ideal de homem cristão foi a proposta educativa adotada por Clemente Romano.

Entendemos, por fim, que a proposta educativa clementina é resultado de inúmeras determinações de seu contexto histórico, exprimindo, assim, um projeto educacional que, para Clemente Romano, seria suficiente para responder os

principais conflitos e problemas da comunidade cristã de Corinto. Por isso, tornou-se elementar para aquele momento.

6. REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Rafael. **Del movimiento de Jesús a la Iglesia cristiana**: ensayo de exégesis sociológica del cristianismo primitivo. Gráficas Lizarra: Estella, Navarre, 2009.

ALTANER, Berthold. **Patrologia**: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja. São Paulo: Paulus, 2004.

ANGELOZZI, Gilberto Aparecido. **A Águia e a Cruz**: Identificação Cristã pelos romanos entre 54 e 117 d.C. 222 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Orientadora Prof^a Dr^a Sonia Regina Rebel de Araújo. Niterói, 2003.

A SANTA SÉ: **Papas**. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father.index.html#holy-father>.

Acesso em 27/08/2021.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Cartas de Paulo**. Volume I. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1989.

BLÁZQUEZ, José Maria Martinez. **El nacimiento del cristianismo**. Madrid: Editorial Síntese, 1996.

BERARDINO, Ângelo Di (org). **Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2015. 2206p.

BONI, Luis Alberto de. **O estatuto jurídico das perseguições dos cristãos no império romano**. In: Trans/Form/ação vol. 37 no.spe Marília, SP, 2014. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732014000400135. Acesso em: 18/09/2019.

BUENO, Daniel Ruiz. **Padres Apostólicos y Apologistas Griegos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

CALVO, Juan José Ayán. **CLEMENTE DE ROMA: Carta a los Corintios**. Madrid: Editorial Cludad Nueva, 1994.

CARBONERO, Al. Exempla Romanos: Homens de Gloria e Mulheres de Honor. **Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente**, Portugal, p.37 – 49, 2005.

CAVICCHIOLI, Maria de Lourdes Silva Barros. **A Cultura Clássica e o Magistério de Paulo de Tarso**. Maringá DFE/PPE, 2005.

CLEMENTE ROMANO. **Primeira carta de Clemente aos coríntios**. In: *Padres Apostólicos/ Patrística*, v.1. São Paulo: Paulus, 1995.

COELHO, João Paulo Pereira; PEREIRA MELO, José Joaquim. **Educação, poder e cidadania na Roma Antiga**: algumas considerações sobre a formação do governante. *Revista História & Perspectivas*, v. 26, n. 49, 8 mar. 2014.

COELHO, João Paulo Pereira. **A *humanitas* em sêneca**: educação, estado e poder no principado neroniano. 184f. Tese (Programa de Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2016.

COTHENET, Édouard. **Paulo**: apóstolo e escritor. São Paulo: Paulinas, 1999.

ENGELS, Friedrich. **O Cristianismo Primitivo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. In: *História eclesiástica/ Patrística*, v.15. São Paulo: Paulus, 2000.

FLORENZANO, Maria Beatriz. **O Mundo Antigo**: Economia e Sociedade (Grécia e Roma). São Paulo: Editora Brasiliense: 1982.

FRATRICÍDIO. In: **Michaelis**, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fratric%C3%ADdio/>. Acesso em: 24/09/2021.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os papas**: de Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

FRANGIOTTI, Roque. **Introdução e notas explicativas**. In: Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Introdução e notas explicativas**. In: Patrística. São Paulo: Paulus, 2000.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Edições 70. Lisboa: 1993.

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HAMMAN, A.-G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. In: Patrística. Vol. 4. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo y paideia griega**. Fondo de Cultura Económica: México, 1965.

_____. **Paideia: a formação do homem grego.** WMF Martins Fontes: São Paulo, 2001.

JERÔNIMO DE ESTRIDÃO. **Apologia contra os livros de Rufino.** In: Patrística. Vol. 31. São Paulo: Paulus, 2013.

LEITE, Francisco Benedito. **A metáfora do corpo na I Carta de Clemente de Roma aos Coríntios (37.5-38.1):** uma análise dialógica. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo. Orientador: Paulo Augusto de Souza Nogueira. São Bernardo do Campo, 2012.

MOUNCE, William. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

NASCIMENTO, Amanda Cristina Martins do. **Entre ICoríntios e IClemente:** análise das identidades cristãs em Corinto. 107f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Orientadora: Monica Selvatici. Londrina, 2019

PEREIRA MELO, José Joaquim. **São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios:** aspectos da Educação Cristã. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 13, p.161-203, 2012.

_____. Sêneca e a formação pela arte. **IV Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, 2005, p. 80-86.

_____. Tragédia senequiana: a formação pelo exemplo. **Teoria e Prática da Educação**, v. 22, n. 2, p.109-127, 13 ago. 2019.

QUASTEN, Johannes. **Patrología.** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga:** os sistemas da era helenística. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. v.3.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. **História da Grécia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ROUX, Patrick Le. **Império Romano**. L&PM POCKET, 2009.

SÃO JERÔNIMO. **Apologia contra os livros de Rufino**. In: Patrística, v.31. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Roseli Gall do Amaral da. **A formação da identidade cristã: o diálogo entre o epicurismo e o cristianismo primitivo tendo o amor como instrumento formativo**. 281 f. Tese (Doutorado em Educação e Estudos Clássicos) – Universidade Estadual de Maringá e Universidade de Coimbra. Orientadores: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo e Prof. Dr. Alexandre Guilherme Barroso de Matos Franco de Sá). Maringá/Coimbra, 2016.

_____. **A formação do homem ideal em Paulo de Tarso: o amor como elemento formativo**. Dissertação de mestrado. Maringá, PR: UEM, 2010.

SCHAFF, Philip. **The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus**. Wm. B. Eerdmans Publishing Company Press, 2001. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf01.html>. Acesso em 04/08/2021.

STEAD, Christopher. **A filosofia na antiguidade cristã** [tradução de Odilon Soares Leme]. São Paulo: Paulus, 1999.

VALDÉS DE LA COLINA, Jesús. **Enseñanza Cristiana em San Clemente Romano**. Excerpta e dissertationibus in Sacra Theologia, 12 (1987): 125-197. Disponível em: https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/11178/1/CDT_XII_03.pdf.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva**: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos. Tradução: Ilson Kayser. Academia Cristã, 2005.